

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Jediael Coutinho da Costa

**A predição linguística em casos de estrangeirismo do Inglês em Português
Brasileiro**

Juiz de Fora

2024

Jediael Coutinho da Costa

A predição linguística em casos de estrangeirismo do Inglês em Português Brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.
Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Alves Fonseca

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Costa, Jediael Coutinho da.

A predição linguística em casos de estrangeirismo do Inglês em Português Brasileiro / Jediael Coutinho da Costa. -- 2024.
96 f.

Orientador: Aline Alves Fonseca

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2024.

1. Predição. 2. Estrangeirismo. 3. Português Brasileiro. 4. Inglês. 5. Psicolinguística Experimental. I. Fonseca, Aline Alves, orient. II. Título.

Jediael Coutinho da Costa

A predição linguística em casos de estrangeirismo do Inglês em Português Brasileiro

Dissertação
apresentada ao
Programa de Pós-
Graduação em
Linguística
da Universidade
Federal de Juiz de
Fora como requisito
parcial à obtenção do
título de mestre em
linguística. Área de
concentração:
linguística.

Aprovada em 26 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aline Alves Fonseca - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Cândido Samuel Fonseca de Oliveira

CEFET-MG

Profa. Dra. Denise Barros Weiss

Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 04/03/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Alves Fonseca, Professor(a)**, em 26/03/2024, às 21:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do

art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cândido Samuel Fonseca de Oliveira, Usuário Externo**, em 27/03/2024, às 23:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Denise Barros Weiss, Professor(a)**, em 14/05/2024, às 14:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1731030** e o código CRC **62533465**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por iluminar sempre meus caminhos e me proporcionar crescimento, paz, amor, vida e muitas alegrias.

Agradeço às duas mulheres da minha vida que me ajudaram a ser o homem que sou hoje: minha mãe Helena que sempre me enche de amor e confiança e que sempre me apoia e à minha irmã Gracielle que ajudou a me criar e quem me incentivou, desde criança, a gostar de estudar e aprender. Ao meu irmão Leúdis pelo apoio e admiração.

Agradeço ao meu pai Sebastião que sempre confiou em mim, sempre me apoiou nos estudos e sempre teve orgulho das minhas conquistas. Onde quer que o senhor esteja, o senhor foi o melhor pai do mundo.

A todos os familiares pelo carinho e apoio, em especial à minha tia Fátima pelo amor e suporte em vários momentos.

À minha querida orientadora, Aline Alves Fonseca, pelo suporte, dicas, discussões, paciência e uma excelente orientação de forma tão gentil e solícita. Sua dedicação e desejo contínuo pelo conhecimento sempre me inspiram a ser um melhor pesquisador.

Aos meus amigos Filipe Cianconi, Sheila Chaves, Marta Sette, Letícia Rodrigues, Patrícia de Fátima e Laís Marcela que me apoiam e tornam a vida mais agradável e feliz.

À minha estimada professora, Luciana Teixeira, por ter sido tão importante na minha jornada acadêmica e ter me incentivado, de forma amável e amiga, a seguir com os meus estudos na pós graduação.

À minha colega Dalila de Souza que me cedeu, com muito carinho e gentileza, o seu precioso tempo para me ajudar com o meu experimento.

À CAPES pelo auxílio financeiro concedido, possibilitando assim que esta pesquisa pudesse ser realizada de modo pleno.

RESUMO

No presente trabalho, buscamos estudar se os estrangeirismos originários da língua inglesa usados no português brasileiro (PB) sofrem o mesmo processo antecipatório (preditivo) que palavras originalmente do PB.

Em uma conversa diária, estamos a todo o momento fazendo antecipações do que as pessoas irão dizer no intuito de formar, em nossa mente, um contexto que nos permita processar de modo mais eficiente a informação recebida, chamamos esse fenômeno de processo antecipatório (Clark, 2013). Com o propósito de entender melhor e mais rapidamente o que nos está sendo dito em uma conversa, nós usamos nosso conhecimento de mundo para fazer previsões. Para Kuperberg e Jaeger (2016:23), previsão implica que, a qualquer momento, usamos informações de alto nível dentro de nossa representação de contexto, pois o cérebro desenvolve um modelo hierárquico (top-down), para inferir probabilisticamente (hipotetizar) informações futuras nessa mesma representação de nível superior.

Assim sendo, na interação (fala) cotidiana, a todo momento fazemos antecipações de maneira automática, mesmo que nessa interação haja estrangeirismos. Isso ocorre devido ao fato de esses vocábulos fazerem parte da nossa língua, ainda que por empréstimo. À vista disso, este trabalho busca analisar como ocorre essa antecipação linguística dentro da leitura de estrangeirismos do inglês.

Para isso, foram aplicados dois experimentos. O Experimento I avaliou o conhecimento de participantes brasileiros sobre estrangeirismos do PB. Os estrangeirismos foram selecionados a partir de textos e redes sociais em português, e sua frequência foi verificada no site google.com em português. Participantes com conhecimento de inglês como segunda língua (L2) foram testados quanto à facilidade em reconhecer e atribuir significados aos estrangeirismos. Os resultados mostraram que os participantes marcaram como "familiar" todos os estrangeirismos listados como tal, fornecendo exemplos de uso. Alguns estrangeirismos marcados como "não familiares" não foram reconhecidos por participantes com níveis de inglês autodeclarados como "Básico/Não possui". Estes resultados sugerem que os estrangeirismos, uma vez incorporados, são integralmente parte do PB, e que a predição de estrangeirismos pode ser similar à de palavras em português.

Já no Experimento II, a familiaridade e aceitabilidade dos estrangeirismos do inglês em frases do PB foram avaliadas. Os participantes foram solicitados a escolherem entre duas opções de palavras ou expressões a fim de organizar frases aceitáveis no PB, escolhendo entre estrangeirismos e palavras em português. Os resultados indicaram que o tempo de resposta (TR) para escolher entre estrangeirismos e palavras em português foi praticamente igual, sugerindo uma predição semelhante para ambos. Concluindo assim que os estrangeirismos, adaptados à língua, sofrem um processo preditivo similar ao das palavras do português, sendo integrados de forma significativa no PB.

ABSTRACT

In the present study, we aim to investigate whether anglicisms originating from the English language used in Brazilian Portuguese (BP) undergo the same anticipatory process (predictive) as words originally from BP.

In daily conversation, we are constantly making anticipations about what people are going to say in order to form, in our minds, a context that allows us to process the received information more efficiently. We refer to this phenomenon as anticipatory processing (Clark, 2013). With the purpose of better and more rapidly understanding what is being said in a conversation, we use our world knowledge to make predictions. According to Kuperberg and Jaeger (2016:23), prediction implies that, at any moment, we use high-level information within our representation of context, as the brain develops a hierarchical (top-down) model, to probabilistically infer (hypothesize) future information in that same higher-level representation.

Therefore, in everyday interaction (speech), we are constantly making anticipations automatically, even if there are anglicisms in that interaction. This occurs because these words are part of our language, albeit borrowed. Therefore, this study seeks to analyze how linguistic anticipation occurs within the reading of English anglicisms.

For this purpose, two experiments were conducted. Experiment I evaluated the knowledge of Brazilian participants about BP anglicisms. The anglicisms were selected from texts and social networks in Portuguese, and their frequency was verified on the google.com website in Portuguese. Participants with English as a second language (L2) were tested for ease of recognizing and attributing meanings to the anglicisms. The results showed that participants marked all listed anglicisms as "familiar," providing examples of usage. Some anglicisms marked as "unfamiliar" were not recognized by participants with self-declared English levels as "Basic/None." These results suggest that anglicisms, once incorporated, are fully part of BP, and that the prediction of anglicisms may be similar to that of words in Portuguese.

In Experiment II, the familiarity and acceptability of English anglicisms in BP sentences were assessed. Participants were asked to choose between two options of words or expressions in order to organize acceptable sentences in BP, choosing between anglicisms and Portuguese words. The results indicated that the response time (RT) to choose between anglicisms and Portuguese words was practically the same, suggesting a similar prediction for both. Thus, it can be concluded that anglicisms,

adapted to the language, undergo a predictive process similar to that of Portuguese words, being significantly integrated into BP.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1: STALK | 20 |
| Figura 2: TBT | 21 |
| Figura 3: HIPSTER | 21 |
| Figura 4: Esquema de representações ricas dos discurso/mensagem pretendida..... | 39 |
| Figura 5: Perguntas do experimento..... | 47 |
| Figura 6: Exemplo de pergunta sobre o perfil do participante (nível autodeclarado de inglês)..... | 49 |
| Figura 7: Exemplo de pergunta sobre o perfil do participante (habilidade de leitura). 49 | |
| Figura 8: Gráfico de “habilidade de leitura” do Grupo A | 50 |
| Figura 9: Gráfico de “habilidade de leitura” do Grupo B | 51 |
| Figura 10: Exemplo de pergunta sobre o perfil do participante (contato com a língua inglesa)..... | 51 |
| Figura 11: Gráfico de “contato com inglês” do Grupo A..... | 52 |
| Figura 12: Gráfico de “contato com inglês” do Grupo B..... | 53 |
| Figura 13: Exemplo de pergunta sobre o perfil do participante (tempo de estudo de inglês como segunda língua)..... | 54 |
| Figura 14: Gráfico de “tempo de estudo” do Grupo A..... | 55 |
| Figura 15: Gráfico de “tempo de estudo” do Grupo B..... | 56 |
| Figura 16: Gráfico de “familiaridade” e “nível autodeclarado de inglês” do Grupo A .. | 58 |
| Figura 17: Gráfico de “familiaridade” e “nível autodeclarado de inglês” do Grupo B .. | 59 |
| Figura 18: Gráfico de “proporção de escolhas de palavra por condição PPC e PPI” . | 71 |
| Figura 19: Gráfico de “proporção de escolhas de palavra por condição PPC e PPI em relação ao nível de inglês”..... | 72 |
| Figura 20: Gráfico de “média de TR por escolha de condição PPC e PPI”. | 74 |
| Figura 21: Gráfico de “média de TR por escolha de condição inglês/português”. | 75 |
| Figura 22: Gráfico de “média de TR por condição PPC e PPI em relação ao nível de inglês” | 76 |
| Figura 23: Gráfico de “probabilidade de escolha de palavra em inglês por condição PPC e PPI”. | 77 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1: Frequência dos estrangeirismos Grupo A e B..... | 46 |
| Tabela 2: Tabela de “familiaridade” e “nível autodeclarado de inglês” do Grupo A... | 57 |
| Tabela 3: Tabela de “familiaridade” e “nível autodeclarado de inglês” do Grupo B... | 58 |
| Tabela 4: Tabela de “exemplo de frases PPC e PPI” | 67 |
| Tabela 5: Tabela de “exemplo de frases EPC/PPC no experimento II” | 67 |
| Tabela 6: Tabela de “exemplo de frases EPC/PPI no experimento II” | 68 |
| Tabela 7: Tabela de “proporção de escolhas de palavra por condição PPC e PPI” .. | 72 |
| Tabela 8: Tabela de “proporção de escolhas de palavra por condição PPC e PPI em relação ao nível de inglês” | 73 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|--|
| ABRALIN | Associação Brasileira de Linguística |
| ABL | Associação Brasileira de Letras |
| ALAB | Associação de Linguística Aplicada do Brasil |
| EPC | Estrangeirismo do Português Congruente |
| F | Familiares |
| L2 | Segunda Língua |
| NF | Não Familiares |
| PB | Português Brasileiro |
| PCdoB | Partido Comunista do Brasil |
| PPC | Palavra do Português Congruente |
| PPI | Palavra do Português Incongruente |
| TR | Tempo de Reação |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 ESTRANGEIRISMOS: HISTÓRICO DO FENÔMENO E CONCEITOS..... | 16 |
| 2.1 Estrangeirismo no Brasil através do tempo..... | 16 |
| 2.2 Silva (2018)..... | 19 |
| 2.3 Projeto de Lei nº 1676/99..... | 22 |
| 2.4 ESTRANGEIRISMOS: Guerras em torno da língua | 23 |
| 3 TEORIA DA PREDIÇÃO NO PROCESSAMENTO LINGUÍSTICO | 31 |
| 3.1 Processamento de Frase | 31 |
| 3.2 Kuperberg & Jaeger (2016)..... | 33 |
| 3.3 Ferreira & Chantavarin (2018) | 37 |
| 3.4 Huettig (2015) | 40 |
| 4 EXPERIMENTO I | 45 |
| 4.1 Perfil dos participantes..... | 48 |
| 4.2 Análise quantitativa das respostas do Experimento 1 | 56 |
| 4.3 Análise qualitativa das respostas do Experimento 1 | 60 |
| 4.4 Resultados e Discussão..... | 65 |
| 5 EXPERIMENTO II | 67 |
| 5.1 Metodologia | 69 |
| 5.2 Perfil dos participantes..... | 69 |
| 5.3 Análise | 71 |
| 5.4 Resultados e Discussão..... | 76 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 79 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 81 |
| APÊNDICE A – Itens experimentais do Experimento 1 | 85 |
| APÊNDICE B– Itens experimentais do Experimento 2 | 89 |

1 INTRODUÇÃO

É inegável que hoje em dia, no Brasil, apesar de a língua oficial ser o português, somos expostos, diariamente, à língua inglesa, seja através de informações linguísticas, por meio de estrangeirismos, músicas, filmes legendados entre outros, ou informações não linguísticas, por meio do grande consumo brasileiro de cultura de países que têm o inglês como língua oficial, cultura essa majoritariamente estadunidense.

Assim sendo, no presente trabalho, buscamos estudar se os estrangeirismos originários da língua inglesa, utilizados no português brasileiro (PB), passam pelo mesmo processo antecipatório (preditivo) observado em palavras originárias do PB. Esse fenômeno de antecipação refere-se à tendência de os falantes de uma língua, guiados pelo contexto do ambiente, começarem a processar e a reconhecer as características fonológicas e morfológicas de uma palavra antes mesmo de sua conclusão. Dessa forma, questionamos se os empréstimos linguísticos do inglês dentro do contexto do PB seguem essa mesma tendência, ou se há variações notáveis devido à sua origem estrangeira.

Segundo Clark (2013), nossa mente funciona como um “mecanismo de previsibilidade”, ou seja, a partir de determinados estímulos e do conhecimento prévio, a mente humana consegue antecipar acontecimentos linguísticos ou não linguísticos. A ideia de que o cérebro tende a antecipar o que está por vir gera dois benefícios de processamento de informação: o processamento de determinado evento é facilitado de acordo com que alguns ou todos os recursos desse evento futuro forem pré-ativados e o fato de que o erro nesse processamento preditivo pode gerar um novo aprendizado, aprendizado esse que será “salvo” como conhecimento prévio na memória do indivíduo (FERREIRA & LOWDER, 2016). Em outras palavras, é correto afirmar que o conhecimento prévio é um elemento fundamental para que a predição ocorra, visto que é através de experiências prévias que são criadas memórias base para que o processo preditivo aconteça de maneira satisfatória.

Dessa maneira, esse “mecanismo de predição” seria o responsável por predições feitas pelo leitor/ouvinte a fim de compreender mais rapidamente uma informação oral ou escrita por ele recebida. Isto posto, é possível que um indivíduo bilíngue ao ouvir ou ler um estrangeirismo tenderia a ter informações prévias a mais que um indivíduo monolíngue.

Isto é, quando um leitor/ouvinte monolíngue brasileiro é exposto ao estrangeirismo “notebook”, por exemplo, o significado por ele compreendido será provavelmente relacionado ao computador portátil, todavia, o leitor/ouvinte bilíngue português/inglês, possivelmente reconhecerá dois significados distintos para tal estrangeirismo: computador portátil, como é utilizado no Brasil, e “caderno”, que é seu significado da palavra em países como os Estados Unidos, por exemplo.

Há vários exemplos de trabalhos sobre os estrangeirismos do inglês no português brasileiro (PB), seja tratando o uso de estrangeirismos do inglês no PB no dia a dia como uma evolução da língua (GARCEZ & ZILLES, 2001), seja explorando os efeitos da globalização para o uso de estrangeirismos do inglês no Brasil (GONÇALVES et al., 2011), seja abordando os efeitos da variação e mudança linguística que ocorrem na língua falada e/ou escrita (VALADARES, 2014) ou, ainda, os estrangeirismos trazidos pelas redes sociais, como, por exemplo, o *Twitter* (TESTONI & MAIOLA, 2020). Assim, é válido concordar que há várias pesquisas sobre estrangeirismos do inglês no PB, elas abordam o estrangeirismo em ambientes específicos, como, por exemplo, nas redes sociais, onde os estrangeirismos nascem diariamente juntamente com as evoluções tecnológicas. É válido apontar o livro “Estrangeirismos: guerras em torno da língua” (2001), organizado por Carlos Alberto Faraco, que traz vários ensaios abordando a evolução do uso dos estrangeirismos através do tempo no Brasil.

Entretanto, foi possível observar a ausência de estudos que abordem o fenômeno dos estrangeirismos sob a ótica da preditividade, considerando a naturalidade com que os falantes nativos de PB incorporam esses elementos, independentemente de seu conhecimento de inglês como L2.

Desse modo, uma investigação mais aprofundada sobre a preditividade dos estrangeirismos no PB poderia fornecer *insights* valiosos sobre como esses termos são integrados e aceitos pelo público falante, além de elucidar os mecanismos cognitivos e sociais subjacentes a esse processo.

Por conseguinte, para análise do fenômeno supracitado, foi produzido um experimento de produção com o intuito de criar uma amostra dos estrangeirismos mais utilizados por brasileiros. Esse experimento de produção foi projetado com estrangeirismos coletados no site de busca google.com e divididos em dois grupos (estrangeirismos mais e menos frequentes em sites de língua portuguesa em um continuum).

Com esse experimento, tivemos como foco verificar a familiaridade (grau de compreensão) dos participantes com os estrangeirismos apresentados para que, posteriormente, usemos esses dados como base de um segundo experimento, dessa vez de aceitabilidade de estrangeirismos contextualizados. A hipótese inicial era de que os participantes com inglês como L2 reconheceriam mais estrangeirismos em relação aos participantes monolíngues, porém os participantes com inglês como L2 apresentariam definições diferentes para os estrangeirismos, mesclando os significados dos estrangeirismos no PB e no inglês. Essa hipótese foi parcialmente corroborada ao final da análise dos resultados, pois, apesar de não ter sido a grande maioria, alguns participantes com inglês como L2 apresentaram mais de um significado para alguns estrangeirismos (significados em PB e no inglês), como podemos observar no decorrer deste trabalho.

Já no experimento II, avaliamos o quão familiar/aceitável os estrangeirismos do inglês poderiam ser quando utilizados em frases do PB. Para isso, os participantes precisavam escolher, entre duas opções, palavras ou expressões familiares a eles e, em determinado momento, eles escolhiam um estrangeirismo ou uma palavra do português para completar a frase. Esse experimento é chamado Maze task, e é um tipo de experimento de escolha forçada.

A partir disso, havia dois grupos de frases: as que apresentavam opções possíveis tanto usando o estrangeirismo quanto usando a palavra ou expressão do PB e as que apresentavam uma opção possível usando o estrangeirismo e outra opção impossível de ser utilizada no contexto, mas em português. A hipótese inicial do experimento II sugeria que, ao reconhecer que o estrangeirismo está profundamente integrado à língua portuguesa, os participantes não teriam dificuldade em completar as frases, independentemente do seu nível de conhecimento de língua inglesa. Isso se deve ao fato de que tanto o uso de estrangeirismos quanto de palavras em português seriam considerados plausíveis dentro dos contextos apresentados. Essa premissa reflete a natureza dinâmica e adaptável do idioma, em que a influência de outras línguas é uma característica intrínseca e inevitável. Assim, a expectativa desse experimento era de que os participantes fossem capazes de compreender e escolher as palavras e/ou expressões de forma coerente, demonstrando a fluidez e a flexibilidade da língua portuguesa em relação aos empréstimos linguísticos e à sua própria estrutura lexical.

Esta dissertação está organizada em seis seções: 1 Introdução; 2 Estrangeirismos: histórico do fenômeno e conceito, em que é abordado como os estrangeirismos foram e são estudados no Brasil, bem como definições e discussões a respeito do projeto de lei nº 1676/99; 3 Teoria da predição no processamento linguístico, seção cujo objetivo é expor a definição de processamento de frase e apresentar, como base teórica, trabalhos desenvolvidos na área da predição; 4 Experimento I, contendo a descrição detalhada e os resultados do Experimento; 5 Experimento II, contendo a descrição detalhada e os resultados do Experimento; 6 Considerações Finais, abordando os resultados e discussões encontrados nos Experimentos 1 e 2.

2 ESTRANGEIRISMOS: HISTÓRICO DO FENÔMENO E CONCEITOS

Neste capítulo exporemos, de forma breve, uma explicação do que tomaremos como base para a definição de estrangeirismo. Para isso, será apresentado um resumo com a definição por nós adotada durante todo o presente trabalho e alguns usos de estrangeirismos no dia a dia, inclusive na rede social *Twitter*. Logo em seguida, revisaremos dois textos a fim de apresentar alguns estudos sobre estrangeirismos feitos no Brasil. O primeiro texto é o trabalho de conclusão de curso nomeado “Facebook, uma ferramenta propícia à criação de estrangeirismos em língua portuguesa”, de Pedro Henrique Corrêa Silva da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Nesse trabalho, apresentado por nós, com o caráter de levantamento de dados em uma rede social, o autor traz algumas ocorrências de estrangeirismo presentes na rede social *Facebook* juntamente com uma pesquisa sobre o reconhecimento desses vocábulos estrangeiros por estudantes do ensino médio. O segundo texto é o artigo “Estrangeirismos: uma tese para variação e mudança linguística”, do professor Dr. Flavio Biasutti Valadares, que aborda os estrangeirismos do inglês no português na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística, trazendo como base para sua pesquisa os estrangeirismos presentes em textos das revistas “Época”, “Isto é” e “Veja”. Posteriormente, discorreremos brevemente sobre o projeto de lei nº 1676/99, que tentou extinguir o uso de estrangeirismos no território brasileiro em meados do ano de 1999 e, como consequência não prevista, motivou bastante os estudos na área de estrangeirismos no país. Por fim, apresentaremos um resumo do livro “Estrangeirismos: Guerras em torno da língua”, organizado por Carlos Alberto Faraco. Nesse livro, Faraco organiza alguns ensaios escritos por professores, linguistas e pesquisadores da área de linguagens como resposta ao projeto de lei nº 1676/99.

2.1 Estrangeirismo no Brasil através do tempo

Tendo em mente que, no século XIX, Portugal quase se tornou uma colônia Britânica, Freyre (2000, p.46) relata que “a presença da cultura britânica no desenvolvimento do Brasil, no espaço, na paisagem, no conjunto da civilização do Brasil, é das que não podem – ou não devem? – ser ignoradas pelo brasileiro interessado na compreensão e na interpretação do Brasil”.

Além disso, é sabido que, atualmente, o inglês é uma língua global e, de acordo com Crystal (2003, p. 3), “uma língua alcança um status genuinamente global quando desenvolve um papel especial que é reconhecido em todos os países¹”. Isto é, viajando para fora do Brasil ou não, a todo momento estamos recebendo informação sobre a língua inglesa, seja através de músicas, séries e livros ou através das redes sociais que unem todo o mundo.

Assim sendo, é compreensível que haja na língua brasileira muitos estrangeirismos advindos da língua inglesa. Além dessa “herança” britânica supracitada, com o grande consumo da cultura estadunidense pelos brasileiros através de filmes, músicas, séries, celebridades, etc., cada dia mais palavras do inglês são incorporadas no dia a dia do brasileiro. Isto posto, é perceptível, no cotidiano de todo brasileiro, que cada dia mais estrangeirismos vindos do inglês, seja com significados semelhantes, ou com mudança de significado de uma língua para a outra, são usados no PB.

Em seu trabalho “O uso dos estrangeirismos na língua portuguesa”, Gonçalves et al. (2011), aponta as diferenças entre estrangeirismo, empréstimo e neologismo. Segundo as autoras, estrangeirismo é o emprego de palavras e/ou expressões que se originam em uma língua estrangeira e que não possuem palavra correspondente na outra língua. Esses vocábulos não sofrem grande alteração em sua pronúncia e escrita, como, por exemplo, *long-play*, *close-up*, *standart*, etc.

Já o empréstimo, elas apontam que “a própria nomenclatura deixa clara a função das palavras, que sofrem pouca modificação e passam a fazer parte do léxico, sendo que todas elas hoje classificadas como empréstimo foram, um dia, estrangeirismo”. São exemplos de empréstimos: “habitat”, “déficit” (latinismo); “hot dog”, “top model” (anglicismo) “fondue”, “menu” (galicismo)” (Gonçalves et al., 2011).

Por fim, o neologismo, criado com base na língua inglesa, cria ou adapta o vocábulo de uma língua para a outra, mudando, inclusive, a estrutura da palavra quando necessário. Esse neologismo se adequa à língua e passa a fazer parte do cotidiano daquela língua, exemplo disso são as palavras (utilizadas como verbos do português e conjugadas como tal) *deletar*, *twittar*, *bugar*, entre outras.

¹ Tradução livre feita pelo autor para o seguinte trecho presente no texto original “a language achieves a genuinely global status when it develops a special role that is recognized in every country” (Crystal, 2003:3).

Apesar de ter o conhecimento dessa distinção entre estrangeirismo, empréstimo e neologismo, no presente trabalho será tomado como estrangeirismo toda palavra e/ou expressão que advém da língua inglesa e é utilizada no dia a dia dos falantes de PB, ainda que com mudanças fonéticas ou gráficas.

Tomaremos assim, como estrangeirismo, a definição de GARCEZ & ZILLES (2001), na qual, para eles, estrangeirismo é o uso de palavras, expressões e construções alheias ao idioma tomadas por empréstimos de outra língua. Palavras ou expressões vindas de outras línguas são incorporadas por meio de um processo natural de assimilação de cultura ou ainda por conta da proximidade geográfica com regiões cujos idiomas oficiais sejam outros. Vale observar que o estrangeirismo pode sofrer mudança de significado na sua passagem de uma língua para a outra.

É plausível salientar que, com o advento das redes sociais, tornou-se mais comum encontrarmos estrangeirismos presentes no cotidiano do brasileiro. Como exemplificado por Testoni & Maiola (2020) em seu artigo sobre os estrangeirismos dentro da rede social Twitter. Eles apresentaram a seguinte sentença postada por um usuário da rede social: “Vontade de mudar a cor do cabelo, mas, ao mesmo tempo, de atualizar o meu rosa e deixar ele super *pink*”. A palavra “*pink*” (a cor rosa em português) não é traduzida e ainda ganha um novo significado, visto que no PB a cor “*pink*” é comumente usada para designar um tom mais forte de rosa, também chamado de rosa-choque. Segundo o blog vivadecora.com, destinado a decoração de casas, “assim como a cor rosa choque a cor rosa “*pink*” também é bem vibrante e não passa despercebida, a única diferença é que a cor rosa *pink* possui uma tonalidade um pouco mais aberta deixando o ambiente ainda mais alegre²” (Santos, 2022).

Entretanto, muitos estrangeirismos ainda são usados em ambientes específicos, isso ocorre, pois, apesar de vivermos cercados por esse tipo de vocábulo, o uso desses elementos depende do nicho no qual eles surgiram. Um exemplo disso são os vários jogos online tão populares entre adolescentes e jovens.

Devido ao fato de muitos desses jogos, consumidos no Brasil, serem criados em países que têm o inglês como língua oficial, como, por exemplo, os Estados Unidos, muitas palavras não são traduzidas para que os jogadores possam se comunicar de modo que os comandos e ações sejam compreensíveis independentemente da nacionalidade desses jogadores. Ou seja, os jogos online são

² Definição criada por SANTOS (2022) para o blog vivadecora.com.

um nicho no qual há estrangeirismos próprios daquele ambiente e, apesar de serem usados no Brasil, por exemplo, não são vocábulos adotados pelos falantes em geral.

Contudo, alguns desses vocábulos são expandidos para a comunicação cotidiana, fazendo com que alguns estrangeirismos que se originaram em um nicho específico, com o uso diário pelos falantes, acabam sendo utilizados em outros momentos fora daquele ambiente.

2.2 Silva (2018)

Pedro Henrique Corrêa Silva, em seu trabalho de conclusão de curso “Facebook, uma ferramenta propícia à criação de estrangeirismos em língua portuguesa”, traz a rede social Facebook como base para estudos de surgimento de estrangeirismos. Sob a orientação do professor Dr. Inaldo Firmino Soares da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Silva (2018) buscou em seu trabalho analisar até que ponto os alunos do Ensino Médio tinham consciência dos estrangeirismos usados por eles no Facebook.

Com o “boom” das redes sociais ao redor do mundo, o Facebook (ferramenta mais utilizada em 2018, época do trabalho), que foi criado nos Estados Unidos da América (EUA), chegou ao Brasil com muitas palavras sem tradução, algumas sendo usadas como no inglês, outras sofrendo “aportuguesamento” (adaptação para o português). Em outras palavras, o Facebook foi responsável por muitos estrangeirismos usados hoje em dia nas redes sociais.

O autor faz uma retomada histórica a fim de recordar-nos como o Brasil, desde o seu “descobrimento”, tende a valorizar o estrangeiro, principalmente quando se trata de países desenvolvidos, como no caso do Facebook que foi criado nos EUA.

Além da retomada histórica, o autor defende a ideia de causalidade entre sociedade e linguagem, ou seja, essa relação não é por acaso. A linguagem molda o grupo social. Grupos sociais distintos são diferenciados muitas vezes pela linguagem, sendo essa uma maneira de transmitir e reforçar aspectos da cultura e língua de um determinado grupo social.

Assim sendo, foi proposto um questionário, de análise quantitativa e qualitativa, para alunos do Ensino Médio de escolas particulares contendo três passos: (1) foi pedido para que os participantes citassem cinco expressões que eles usam frequentemente no Facebook, em seguida (2) que eles citassem mais cinco

expressões que eles conhecem como estrangeirismo, mas não utilizam regularmente e, por fim, (3) que citassem cinco verbetes que fossem reconhecidos como estrangeirismo, mas que eles não soubessem o significado.

Para exemplificar, serão usados três exemplos de cada passo da pesquisa:

1. Expressões usadas, frequentemente, pelos participantes:

Figura 1: STALK

| | |
|------------------------|--|
| Derivações e Variantes | <p>a) Stalker – perseguidor; bisbilhoteiro.</p> <p>b) Stalkeado – vítima do perseguidor virtual.</p> <p>c) Stalkear – uso da gíria como verbo; perseguir; bisbilhotar.</p> <p>d) Stalkeando – Ato contínuo de perseguição, busca ao perfil de um usuário da rede.</p> |
| Significado | <p>Vocábulo em inglês que significa “perseguir” ou “espreitar” e, na internet, é o ato de perseguir e/ou bisbilhotar virtualmente uma pessoa, lendo recados, analisando cada elemento da rede social que a vítima possui, vendo tudo o que ela faz na internet, tais como os comentários escritos, visualizando fotos da vítima etc.</p> |

Fonte: Silva, 2018.

2. Expressões vistas no Facebook, mas não usadas com frequência:

Figura 2: TBT

| | |
|------------------------|--|
| Definições e Variações | a) TBT – Abreviação de Throwback Thursday b) Throwback Thursday – Quinta feira de lembranças |
| Significado | Esta expressão começou a ser utilizada a partir do aplicativo <i>Instagram</i> , onde que às quintas os usuários utilizavam a <i>hashtag</i> com a finalidade de postar lembranças que os mesmos possuem, seja uma foto de infância, um momento do passado que marcou ou alguma lembrança apenas com a finalidade de não passar em branco e que remete a um sentimento de saudade. |

Fonte: Silva, 2018.

3. Expressões usadas no Facebook que eles sabiam que eram estrangeirismos, mas não sabiam o significado:

Figura 3: HIPSTER

| | |
|------------------------|--|
| Definições e Variantes | Sem definições e/ou variantes constatadas |
| Significado | Hipster é alguém que pensa e se veste diferentemente do que é mainstream (moda dominante). O hipster é geralmente jovem, valoriza a cultura hippie, é ligado em política e gosta de ouvir um indie-rock. Seu estilo vai de roupas mais vintage, camisas xadrez de botão, barba(ou só bigode), calça jeans apertada e óculos. |

Fonte: Silva, 2018.

Em vista disso, o autor aponta que, além da mudança linguística ser formada a partir da generalização e alternância lexical de um subgrupo da comunidade linguística a que ela faz parte, é válido dizer que a estrutura linguística abarca a diferenciação dos tipos de usuários e seus estilos dentro da comunidade linguística à qual eles pertencem.

Para Silva (2018), vale salientar a alta incidência de palavras que não possuem similares no português, o que abre brecha para crer que algumas das expressões apresentadas na pesquisa podem sofrer um processo de implementação de variação

e mudança linguística. Em outras palavras, os empréstimos linguísticos acontecem e isso não afeta nosso sistema linguístico, ao contrário, o deixa mais rico.

2.3 Projeto de Lei nº 1676/99

Na apresentação do livro “Estrangeirismos: guerra em torno da língua”, Faraco (2001) traz o tema que o motivou a organizar e também escrever um capítulo no livro supracitado. O início de tudo se deu quando, em meados de 1999, um deputado federal, andando pela rua, achou que havia uma quantidade excessiva de palavras e/ou expressões estrangeiras (principalmente do inglês). Assim sendo, ele achou socialmente correto propor o projeto de lei nº 1679/99, que declarava prejudicial o uso de palavras e/ou expressões estrangeiras no Brasil e determinava a substituição desses vocábulos em até 90 dias após a publicação da lei. Ainda que o projeto tratasse também de outros assuntos, como afirmações genéricas sobre o ensino de português, seu foco era, de fato, a extinção dos estrangeirismos na sociedade brasileira da época.

Isto posto, não demoraram a aparecer reações contrárias ao projeto. Autores brasileiros famosos, como Luís Fernando Veríssimo, Evanildo Bechara, Lya Luft, entre outros, expuseram suas completas aversões ao projeto, apontando o mesmo como imprudente, xenofóbico e até mesmo fascista.

Muitos linguistas, imbuídos da noção de dever profissional, enviaram ao próprio deputado manifestações a respeito da proposição do projeto e alguns até publicaram essas manifestações. Além dos linguistas, vale salientar que muitos editoriais da grande imprensa da época também se colocaram contra o projeto de lei.

A Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) levou o tema para sua reunião anual em julho de 2000 e se colocou à disposição do deputado e do Congresso Nacional para oferecer a assessoria que um projeto dessa magnitude necessita. Ou seja, garantir que especialistas da área debatessem esse tipo de projeto, uma vez que a proposição feita pelo deputado foi pautada somente em observações pessoais e não debatidas por especialistas, como deveria ser. Além da ABRALIN, a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) publicou e enviou ao deputado uma série de estudos sobre o tema, propondo assim uma reflexão mais profunda sobre o assunto.

Entretanto, por mais assustador que pareça, o deputado simplesmente ignorou toda essa comoção contra o projeto de lei por ele proposto, aumentando, inclusive, a polêmica ao redor do assunto debatendo com o autor Carlos Alberto Faraco na imprensa da época.

Diante de toda essa polêmica, os estudos sobre estrangeirismos no Brasil se intensificaram grandemente, sendo muitos, inclusive, encabeçados por Faraco, que a partir desse momento começou a se dedicar mais em pesquisas sobre o tema.

Depois de várias discussões e reformulações, o projeto de lei está em situação “pronta para pauta no plenário (PLEN)” no site da câmara dos deputados (<https://www.camara.leg.br/>) e sua última tramitação foi em 07 de fevereiro de 2008.

O livro “Estrangeirismos: guerra em torno da língua”, organizado por Carlos Alberto Faraco, traz os importantes ensaios de Pedro M. Garcez, Ana Maria Stahl Zilles, Marcos Bagno, John Robert Schmitz, José Luiz Fiorin, Sírio Possenti, Paulo Coimbra Guedes e do próprio organizador do livro, Carlos Alberto Faraco. Esses ensaios abordam a história e evolução do uso de estrangeirismos no Brasil ao longo do tempo até seus estudos mais recentes, para a época, a respeito desses vocábulos estrangeiros.

2.4 ESTRANGEIRISMOS: Guerras em torno da língua

O livro “Estrangeirismos: Guerras em torno da língua” traz alguns ensaios escritos por linguistas renomados que se apresentaram contrários ao projeto de lei N° 1676 DE 1999 apresentado pelo deputado Aldo Rebelo. A seguir será apresentado uma visão sucinta da opinião de cada um dos autores a respeito do projeto de lei.

No ensaio intitulado “ESTRANGEIRISMOS: DESEJOS E AMEAÇAS”, Garcez e Zilles, motivados pelo projeto de lei n° 1676/99, abordam a questão dos estrangeirismos na língua portuguesa, especialmente no contexto brasileiro. Eles destacam que o uso de palavras e expressões estrangeiras gera debates sobre identidade cultural, associando valores positivos e negativos aos falantes da língua de origem do empréstimo. Dessa maneira, os autores argumentam que a discussão sobre estrangeirismos reflete posições políticas e sociais conflitantes, sendo uma arena para disputas sobre controle e distribuição de recursos na comunidade.

Além disso, eles criticam a ideia de pureza linguística, questionando a definição do que é considerado “português puro” e apontando para a constante evolução da

língua devido ao contato linguístico e, ainda, destaca a influência do inglês como fonte predominante de empréstimos e a associação de valores simbólicos a essa língua.

No que diz respeito ao projeto de lei supracitado, os estudiosos criticam a visão conservadora que busca proteger uma suposta língua pura, argumentando que essa posição reflete preconceitos linguísticos, questionando a ideia de uma única língua nacional e apontando a importância da diversidade linguística brasileira.

Ainda dentro desse viés, o linguista brasileiro Carlos Alberto Faraco, em seu ensaio “GUERRAS EM TORNO DA LÍNGUA: QUESTÕES DE POLÍTICA LINGUÍSTICA”, também motivado pelo projeto de lei, aborda, em seu texto, a falta de visibilidade e influência da linguística no Brasil em comparação com outros discursos sobre a língua, como os discursos tradicionais, preconceituosos e mitificados que permeiam a sociedade. Para o autor, é importante estabelecer um embate no espaço público entre os discursos da linguística e os discursos convencionais sobre a língua.

Além disso, Faraco aponta exemplos de como a mídia, intelectuais e até mesmo propostas legislativas refletem desconhecimento e perpetuam preconceitos linguísticos. Segundo ele, o projeto de lei do deputado Aldo Rebelo, que propõe legislar sobre o uso de palavras estrangeiras, não possui embasamento científico e apenas favorece discursos xenófobos e autoritários.

O linguista ainda ressalta a necessidade de os linguistas brasileiros se envolverem ativamente na discussão dessas questões como uma questão política e de buscarem meios para tornar sua voz mais audível na sociedade. Ademais, ele destaca a importância da participação da imprensa na promoção de uma compreensão mais honesta dos temas linguísticos.

Por fim, Faraco salienta a iniciativa da Associação Brasileira de Linguística, que, em uma gestão anterior, provocou um debate interno resultando em um documento preliminar com considerações relevantes para a definição de políticas linguísticas no Brasil, introduzindo o conceito de direitos linguísticos do cidadão.

Indo nessa mesma direção, o linguista Carlos Bagno apresenta, em seu ensaio “CASSANDRA, FÊNIX E OUTROS MITOS”, seu descontentamento com o projeto de lei 1676/99. Bagno menciona o papel do linguista Napoleão Mendes de Almeida, criticando suas opiniões autoritárias e preconceituosas sobre a língua falada no Brasil. Além disso, destaca a violência e autoritarismo implícitos na proposta de legislação que busca punir o uso de expressões estrangeiras, comparando-a à postura da Igreja Católica na imposição de penitências.

O autor explora também o aspecto histórico da política linguística no Brasil, citando o Diretório dos Índios de 1757, que proibiu o uso de línguas indígenas em favor do português, destacando as consequências negativas desse tipo de imposição linguística. Também aborda a repressão linguística durante a ditadura de Getúlio Vargas, que proibiu o ensino de alemão e italiano nas regiões sulistas.

Para Bagno, a língua é um fenômeno histórico-social e elemento constitutivo da identidade individual. A crítica do linguista se estende ainda à falta de reconhecimento das línguas indígenas e africanas na história e educação brasileiras, destacando o impacto negativo dessas omissões na construção da identidade nacional.

Bagno destaca ainda a contradição de um membro do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) reproduzir um discurso conservador e elitista em relação à língua, critica a ênfase dada à Academia Brasileira de Letras (ABL) no projeto, questionando a competência dessa instituição para legislar sobre a língua em um país com 170 milhões de habitantes, e sugere, ainda, que seria mais razoável consultar especialistas em linguística.

Ainda debatendo o projeto de lei, no ensaio intitulado “O PROJETO DE LEI Nº 1676/99 NA IMPRENSA DE SÃO PAULO”, o professor John Robert Schmitz escreveu um artigo criticando o projeto de lei sobre o uso de estrangeirismos na língua portuguesa. Esse artigo foi enviado para a Folha de S.Paulo, que concordou em publicá-lo na seção “Tendências e Debates”, mas solicitou uma redução do texto para 630 palavras. O título original do artigo era “Palavras estrangeiras e a língua portuguesa: invasão cultural ou desenvolvimento tecnocientífico?”, mas foi mudado para “Língua pasteurizada” no momento da publicação. No que se refere à posição do jornal, Schmitz diz ter percebido uma ambiguidade no posicionamento da Folha de S.Paulo em relação aos estrangeirismos na língua portuguesa, enquanto em um editorial o jornal critica o projeto de lei, em outro momento sugere que a falta de proteção legal à língua pode ser o problema central.

Ainda, no que concerne ao projeto de lei, o autor argumenta que o ingresso de palavras estrangeiras na língua é um processo irreversível e não representa um uso gratuito ou abusivo de empréstimos linguísticos. O professor ainda aponta que a presença de palavras estrangeiras contribui para o enriquecimento da língua portuguesa, em vez de empobrecê-la, e que sempre houve um acolhimento de

palavras novas ao longo da história do idioma, destacando que os idiomas são palcos de mestiçagem e devem refletir a realidade de uma sociedade multicultural.

Enriquecendo a discussão, em seu ensaio “CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO PROJETO DE LEI Nº 1676/99”, o linguista e pesquisador José Luiz Fiorin faz uma análise detalhada do projeto de lei. A análise começa com uma discussão sobre políticas linguísticas e planejamento linguístico, delineando suas definições e propósitos.

Em seguida, o autor examina os problemas linguísticos identificados no projeto, contestando sua validade e fundamentação e argumenta que a concepção homogênea e estática da língua subjacente ao projeto é equivocada, pois desconsidera a natureza variável e evolutiva das línguas. Além disso, ele questiona a eficácia das medidas propostas para conter a influência de estrangeirismos, argumentando que o léxico de uma língua é inevitavelmente influenciado por empréstimos de outras línguas ao longo do tempo.

Apontando seu posicionamento em relação ao projeto de lei, Fiorin critica os fundamentos ideológicos do projeto, caracterizando-o como uma manifestação de nacionalismo conservador. O pesquisador argumenta que a defesa da língua portuguesa contra a influência de línguas estrangeiras é uma causa frequentemente associada à direita política, e que a esquerda deveria se concentrar no internacionalismo proletário em vez de se envolver em políticas linguísticas nacionalistas.

No entanto, apesar das críticas ao projeto, Fiorin reconhece a importância de promover o ensino e aprendizado da língua portuguesa e incentivar a pesquisa sobre sua expressão oral e escrita. Contudo, ele sugere que o projeto carece de especificidade em relação às ações concretas necessárias para alcançar esses objetivos.

O professor Paulo Coimbra Guedes, em seu ensaio “E POR QUE NÃO NOS DEFENDER DA LÍNGUA?”, faz uma reflexão profunda e provocativa sobre o uso da língua portuguesa no Brasil, especialmente em relação ao projeto de lei proposto pelo deputado Aldo Rebelo. Ele questiona a ideia de que o português é uma língua estrangeira para o povo brasileiro, apontando que a língua portuguesa foi imposta durante o processo de colonização e que muitos brasileiros nunca tiveram acesso a uma educação que lhes permitisse dominar plenamente o português padrão. Guedes ainda expõe a dificuldade que muitos brasileiros enfrentam ao compreender leis,

projetos de lei e discursos no Congresso Nacional, argumentando que a escola muitas vezes falha em ensinar adequadamente o português aos alunos.

No que tange o projeto de lei, o professor relata que o projeto não aborda os verdadeiros interesses do povo brasileiro e sugere que focar no uso da língua portuguesa não resolve os problemas fundamentais de exclusão e discriminação. Dessa maneira, Guedes aponta para uma necessidade de repensar a relação entre a língua portuguesa, a educação e a inclusão social no Brasil, destacando que soluções baseadas apenas na proibição de palavras estrangeiras não abordam as causas subjacentes da exclusão linguística e cultural.

A professora e pesquisadora da área de variação linguística e bilinguismo Ana Maria Stahl Zilles analisa, em seu ensaio “AINDA OS EQUÍVOCOS NO COMBATE AOS ESTRANGEIRISMOS”, o projeto de lei nº 1676/1999 apresentado à Câmara dos Deputados em 1999 pelo deputado federal Aldo Rebelo (PCdoB/SP), e o projeto de lei nº. 65/2000 apresentado à Assembleia Legislativa em 2000 pela deputada Jussara Cony (líder do PCdoB no Rio Grande do Sul) que tinham como foco promover “a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”.

A professora contesta a ideia de uma unidade linguística nacional e pontua que historicamente houve uma variedade de línguas em uso, influenciadas por fatores como imigração e dominação colonial. Além disso, ela critica a resistência aos estrangeirismos argumentando que isso é um retrocesso na compreensão da evolução linguística e na promoção da diversidade cultural.

Para Zilles, os projetos visam promover a proteção, defesa e uso da língua portuguesa, mas priorizam coibir e multar o uso abusivo de estrangeirismos, especialmente em áreas como comércio e informática. Ela ainda critica a visão conservadora de língua presente nos projetos e questiona a definição de qual português está sendo defendido, sugerindo que privilegia a língua da elite em detrimento das variedades populares.

Desse modo, a pesquisadora conclui que os projetos, ao invés de defender a língua portuguesa, reforçam preconceitos e imposições, defendendo a língua do poder em vez de proteger os brasileiros. Ela também destaca a necessidade de uma abordagem mais progressista e inclusiva no tratamento das questões linguísticas no país.

No ensaio intitulado “A QUESTÃO DOS ESTRANGEIRISMOS”, o professor, pesquisador e escritor brasileiro, considerado um dos mais conhecidos e respeitados

linguistas brasileiros da atualidade Sírio Possenti, aponta que as línguas não são apenas meios de dominação, mas também acompanham a invasão de negócios, produtos e costumes. Essa visão amplia o entendimento do fenômeno dos empréstimos linguísticos além de uma mera questão de poder político.

Segundo o pesquisador, a ideia de que o uso de estrangeirismos na língua portuguesa representa uma desnacionalização ou empobrecimento da língua é incorreta, pois, na verdade, os empréstimos linguísticos podem enriquecer a língua ao longo do tempo. Ele ainda argumenta que a compreensão ou não de palavras estrangeiras não está necessariamente relacionada à nacionalidade da língua, mas sim à escolaridade e exposição do falante a diferentes discursos. Ademais, Possenti destaca que a essência de uma língua está na sua gramática e estrutura linguística, não apenas no seu léxico. Assim, mesmo que ocorram empréstimos de palavras estrangeiras, a língua portuguesa continua intocada em sua estrutura gramatical.

O escritor ainda critica a simplificação das questões culturais e econômicas relacionadas a esse fenômeno, apontando a falta de entendimento linguístico adequado. Para Sírio, a preocupação com a compreensão de termos estrangeiros pelo público é exagerada, já que muitas palavras nativas também não são entendidas por todos. Além disso, para ele, há equívocos na ideia de que algumas palavras não têm equivalentes em português.

Tomando como exemplo os termos "dumping" e "serendipity", Possenti argumenta que as definições dessas palavras em inglês são extensas, sugerindo que palavras em português também podem ter definições detalhadas. Inclusive, se necessário, novas palavras poderiam ser inventadas ou alternativas poderiam ser encontradas em português, em vez de adotar estrangeirismos. Isto é, para o pesquisador, o uso de estrangeirismo do inglês por brasileiros ocorre de forma espontânea, por influência multilingual e até mesmo cultural, e não por falta de palavras correspondentes em português, como muitos acreditam. Por fim, ele conclui que o processo de aportuguesamento de palavras é mal compreendido, destacando a necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre o tema.

Em suma, todos os autores tiveram um posicionamento parecido em relação aos projetos de lei. Todos oferecem, à sua maneira, uma reflexão profunda sobre a questão dos estrangeirismos na língua portuguesa, questionando pressupostos comuns e destacando a importância de uma análise mais ampla e cuidadosa do fenômeno linguístico.

Isto posto, é necessário observar que nos dias atuais é inegável que os estrangeirismos, principalmente do inglês, estão intrínsecos à língua portuguesa. A língua é uma entidade viva e em constante evolução. Assim como a cultura é formada através do tempo, a língua se molda ao tempo atual. E hoje, na era da globalização, não seria diferente, pois é muito mais fácil acessar culturas diferentes e, com essa importação de cultura, temos também a importação de palavras e expressões de outras línguas.

O Brasil sempre consumiu muita cultura norte americana, porém, atualmente, com as redes sociais, filmes que são lançados com mesma data no mundo todo, jogos que são produzidos em países que têm o inglês como língua oficial ou mesmo países que não tem o inglês como língua oficial, mas utiliza o inglês como meio de atingir um público maior, pesquisas que são desenvolvidas em inglês por necessitar de uma língua “universal” e vários outros pontos, o inglês tem sido utilizado para ter maior aderência e visualização, o que resulta em um maior público.

Além disso, a globalização e uso de ferramentas digitais faz com que os estrangeirismos sejam cada dia mais utilizados e até mesmo divididos em nichos. Ou seja, os estrangeirismos não chegam à língua despropositadamente, eles são empregados em diferentes contextos sociais, podendo ser difundidos posteriormente ou serem restritos a um público específico. Tendo isso em mente, conseguimos observar que alguns estrangeirismos são utilizados com mais frequência por adolescentes, outros por adultos do ramo da publicidade, por exemplo, ou até mesmo por pessoas com idades distintas, mas do meio *gamer* (um meio onde os estrangeirismos são usados com extrema frequência, visto que muitos jogos apreciados por brasileiros são produzidos em países que têm o inglês como língua oficial).

Com tudo isso ocorrendo no mundo, é normal que, juntamente com todas essas ferramentas que utilizamos no dia a dia, nos apropriemos de palavras ou expressões do inglês. Isto é, o uso de estrangeirismos em uma língua faz parte da evolução dessa língua em contato com outras. Por isso, querer que estrangeirismos não sejam usados ou que palavras do português sejam usadas para traduzir estrangeirismos é algo que vai contra a noção de arbitrariedade na evolução de uma língua, pois a língua evolui por conta própria através de seu uso pelos falantes.

Assim sendo, restringir o uso de estrangeirismos é uma tentativa de impedir a evolução da língua. O brasileiro não deixará de falar português, nem tão pouco

utilizará estrangeirismos o tempo todo para se comunicar. O uso de estrangeirismo é apenas mais uma ferramenta que temos para nos comunicarmos. O que deveria ser levado em conta, e até mesmo aplaudido, é como os estrangeirismos são utilizados: os organizamos, atribuímos a eles significados próprios, transformamos substantivos em verbos e até os conjugamos, os abrasileiramos quando necessário, mudamos o significado do estrangeirismo para moldá-lo à nossa língua, etc. Enfim, os estrangeirismos são difundidos na língua de destino sem mudar ou interferir na legitimidade dessa língua, pois língua é identidade e, mesmo que importemos palavras e expressões de outra língua, ainda manteremos nossa marca identitária intacta.

3 TEORIA DA PREDIÇÃO NO PROCESSAMENTO LINGUÍSTICO

Sabendo que a teoria da predição é uma vertente dentro do Processamento de Frases, neste capítulo apresentaremos, de maneira breve, a noção de processamento de frase e, em seguida, exporemos três trabalhos que tomamos como base e que consideramos importantes para o desenvolvimento da presente pesquisa. O primeiro trabalho é o artigo “What do we mean by prediction in language comprehension?”, de Kuperberg & Jaeger (2016), no qual os autores apresentam vários aspectos importantes da predição na compreensão da linguagem. O segundo trabalho é o artigo “Integration and Prediction in Language Processing: A Synthesis of Old and New”, de Ferreira & Chantavarin (2018), no qual eles discutem a predição como um mecanismo facilitador para compreensão e revisita teorias anteriores. E por fim, o terceiro trabalho é o artigo “Four central questions about prediction in language processing”, de Huettig (2015), no qual o autor busca responder a quatro perguntas (“por quê?”, “o quê?”, “quando?” e “como?”) que ele julga fundamentais para compreender o processo antecipatório na linguagem.

3.1 Processamento de Frase

Os primeiros trabalhos, como os realizados por Bever (1970) e Kimball (1973), marcaram um ponto crucial na evolução dos modelos de processamento cognitivo. Esses estudos pioneiros delinearam modelos que se fundamentavam nas regras da economia mental e na capacidade limitada de nossa memória de trabalho. Ao explorar os princípios da eficiência cognitiva e os limites de armazenamento e processamento de informações na mente humana, Bever e Kimball estabeleceram os alicerces para uma compreensão mais profunda do funcionamento da mente e da cognição em relação à linguagem.

Quando uma pessoa ouve ou lê uma frase, seu cérebro realiza uma série de operações complexas para entender o significado da frase. Isso inclui a identificação das palavras individuais, a análise da estrutura sintática da frase (como a ordem das palavras e as relações gramaticais entre elas), a interpretação semântica (atribuição de significado às palavras e à frase como um todo) e o contexto para compreender plenamente o significado da frase (FRAZIER, 1979). Dessa maneira, este campo de estudo procura entender os processos cognitivos envolvidos na produção e

compreensão da linguagem, especialmente no parsing (processador mental), que é a análise sintática durante esses processos.

O parsing ocorre durante a produção da linguagem, quando se constrói uma estrutura sintática mental, e durante a compreensão, quando se processa mentalmente essa estrutura ao perceber uma sequência de itens lexicais. A interpretação semântica de uma sentença depende da estrutura sintática que o "interpretador" constrói para ela.

Para Harley (2001), o nosso processador mental, conhecido como o parser, opera de acordo com três princípios fundamentais: modularidade, serialidade e primazia sintática.

A primeira característica, modularidade, sugere que o parser ativa separadamente e em sequência cada um dos módulos linguísticos durante o processo de análise de uma sentença. Esses módulos incluem componentes como fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, os quais são ativados de forma ordenada e interconectada para compreender a estrutura e o significado da frase.

A segunda característica, serialidade, implica que o parser se compromete com uma única estrutura de análise durante o processamento da sentença. Em outras palavras, ele segue uma linha de raciocínio única até chegar a uma conclusão ou até encontrar algum problema que exija uma reanálise da estrutura assumida. Essa abordagem sequencial é crucial para garantir a coerência e a consistência na interpretação da linguagem.

Por fim, a primazia sintática enfatiza que o processamento inicial realizado pelo parser é estritamente sintático. Isso significa que, num primeiro momento, o parser se concentra na análise da estrutura gramatical da sentença, identificando a ordem das palavras, a relação entre os elementos e a organização das frases. Somente após essa etapa inicial é que os demais componentes da gramática, como a semântica e a pragmática, são ativados para uma compreensão mais profunda e abrangente do texto escrito ou falado.

Nesse viés, a modularidade, também defendida por Chomsky (CHOMSKY, 1965), sugere que a mente possui módulos linguísticos autônomos, rápidos e involuntários.

Existem diferentes modelos de parsing, classificados de acordo com a modularidade. Entre eles, dentro da área da psicolinguística, temos dois tipos de modelos: os modelos estruturais (ou lexicalistas), como a Teoria do Garden Path e a

abordagem Good Enough, e os modelos interativos. Os modelos estruturais consideram principalmente informações sintáticas, enquanto os modelos interativos levam em conta também informações pragmáticas, semânticas e prosódicas na compreensão da linguagem.

Vale destacar também que, segundo Traxler (2012) elementos como contexto referencial, prosódia e frequência lexical no processamento da linguagem também influenciam esse processo. Ou seja, esses fatores podem influenciar a interpretação de uma sentença, tanto em modelos modulares quanto em modelos não-modulares de processamento.

Em síntese, o foco dessa área de estudo é investigar uma variedade de questões, incluindo como as pessoas processam frases de diferentes complexidades e estruturas sintáticas, como lidam com ambiguidades sintáticas e semânticas, como o contexto influencia o processamento de frases e quais são as diferenças individuais nesse processo.

3.2 Kuperberg & Jaeger (2016)

Partindo do princípio de que a compreensão da linguagem é preditiva, os autores utilizam o fenômeno de *garden-path* no processamento da linguagem para exemplificar a teoria do processo antecipatório, visto que fenômeno supracitado trata da análise preditiva em sentenças ambíguas. Juntamente a isso, efeitos semelhantes de previsibilidade podem influenciar no processamento léxico-semântico, e essa análise pode ser feita através de experimentos utilizando rastreamento ocular, isso porque os leitores tendem a fixar o olhar menos tempo em palavras previsíveis do que em palavras imprevisíveis. Ou seja, é impossível explicar esses efeitos sem admitir que o contexto influencia no processamento preditivo.

Apesar dessas afirmações, os autores (Kuperberg & Jaeger, 2016) apontam a existência de opiniões controversas a respeito do papel da predição na linguagem. Assim sendo, eles pontuaram as principais controvérsias e tentaram explicá-las. Para isso, eles colocam três objetivos no presente trabalho. Primeiramente, eles buscam expor como e onde o termo predição vem sendo utilizado na literatura. Segundamente, eles pretendem descrever, qualitativamente, como alguns dos diferentes pontos de vista de psicolinguísticos de predição podem ser compreendidos dentro de uma estrutura computacional probabilística (Bayesiana). Aqui vale salientar

que os autores deixam claro que não estão comprometidos com a ideia de que o processamento da linguagem seja estritamente bayesiano (isto é, a tomada de decisão é baseada em uma ponderação racional dos antecedentes do agente (conhecimento prévio) e evidência atual (o input)). E, por fim, eles pretendem resumir algumas dessas ideias no intuito de explicar e vincular vários dos fenômenos discutidos através de uma “arquitetura multi-representacional hierárquica ativamente generativa de compreensão³”.

As primeiras definições de predição tratam-na como um fenômeno determinístico, do tipo “tudo ou nada”. É possível tomar como exemplo os conceitos originais do fenômeno *garden-path*, em que o leitor/ouvinte preveria apenas uma estrutura no parser inicial, normalmente a mais simples/ mais frequente/ mais provável na língua (Ferreira & Clifton, 1986). Caso o *input bottom-up* não confirmasse a estrutura prevista, o leitor/ouvinte precisaria reanalisar todo o contexto de modo a chegar a interpretação correta.

Já em pesquisas posteriores, a predição é vista por alguns como um fenômeno gradual e probabilístico. Os autores usam como exemplo estudos posteriores que defendem que a magnitude do efeito *garden-path* que depende de quanto um determinado verbo, estrutura temática e/ou contexto do discurso pode enviesar a análise da estrutura sintática pelo parser (Trueswell, Tanenhaus, & Kello, 1993). Apesar de haver evidências de que a predição é naturalmente gradual, ainda há debates sobre se isso ocorre de forma serial ou paralela.

Kuperberg & Jaeger (2016) trazem o trabalho de Anderson (1990) que propõe uma abordagem racional para a cognição. Dentro dessa abordagem, o observador/compreendedor racional poderia aumentar a probabilidade de reconhecer com mais precisão um novo *input* linguístico utilizando todo o seu conhecimento probabilístico, juntamente com o contexto anteriormente apresentado para processar esse *input*. É válido considerar que o ambiente em que nós nos comunicamos normalmente possui ruídos, o que faz com que o reconhecimento do *input* linguístico seja incerto e/ou não claro. Todavia, se o nosso conhecimento probabilístico se assemelhar às estatísticas reais do *input* linguístico recebido é provável que possamos potencializar a probabilidade média de reconhecimento correto. Vale

³ Tradução livre feita pelo autor para o seguinte trecho presente no texto original “a multi-representational hierarchical actively generative architecture of language comprehension”(Kuperberg & Jaeger, 2016:03).

ressaltar que, dessa maneira, os argumentos supracitados também evidenciam que a velocidade de processamento depende da probabilidade do *input* linguístico.

Assumindo que, antes de encontrar qualquer informação bottom-up, o leitor/ouvinte cria uma representação interna de contexto levando em consideração informação linguística e não linguística no contexto encontrado, e essa representação “inclui representações parciais inferidas a partir de *inputs* contextuais previamente processados, variando de representações subfonêmicas até representações de alto nível”⁴ (Kuperberg & Jaeger, 2016).

O fato de o leitor/ouvinte poder usar representações internas para facilitar o processamento de categorias semânticas grosseiras⁵ e também categorias semânticas mais refinadas pode ser visto como evidência de que somos capazes de prever a estrutura mais provável de um evento futuro em uma sentença lida ou ouvida.

Assim sendo, nos modelos probabilísticos de análise sintática, o objetivo do *parser* sintático era deduzir a estrutura da sentença que estava sendo proferida ou lida. Além disso, vários outros modelos probabilísticos gerativos de linguagem tentaram modelar essa dedução em diferentes níveis de representação. É válido salientar que todos esses modelos geram apenas um tipo de *input* cada. No entanto, o foco final não é deduzir uma estrutura sintática, uma categoria fonêmica ou semântica ou mesmo um tópico, o objetivo final é o significado completo do *input* (mensagem).

No que se refere à pré-ativação preditiva e a pré-ativação através do *priming*, os autores apontam que a pré-ativação preditiva diz respeito ao uso de informações de alto nível dentro da representação interna do contexto para pré-ativar as informações futuras em níveis inferiores de representação. Nos primeiros modelos sobre pré-ativação preditiva analisados dentro dos estudos de processamento de sentença e discurso, defendia-se a ideia de pré-ativação preditiva de itens lexicais. Todavia, alguns modelos posteriores defendem que uma representação do contexto no que diz respeito à mensagem influencia o processamento de novos *inputs* somente depois que as representações lexicais forem ativadas inicialmente a partir do *input bottom-up*.

⁴ Tradução livre feita pelo autor para o seguinte trecho presente no texto original “includes partial representations inferred from previously processed contextual input, ranging from subphonemic representations all the way up to higher level representations” (Kuperberg & Jaeger, 2016:9)

⁵ Originalmente, em inglês, chamada de “coarse-grained semantic categories” (Kuperberg & Jaeger, 2016:10).

Ao contrário da pré-ativação preditiva, a pré-ativação através de *priming* assume a ideia de uma ativação prolongada resultado de um material previamente processado em níveis mais baixos de representação.

Diferente da pré-ativação preditiva que foi originalmente considerada estratégica e, às vezes, direcionada, a pré-ativação através de *priming* foi considerada, por muitas vezes por alguns pesquisadores, como não estratégica (pois não servia a nenhum propósito), automática (pois ocorria sem controle consciente) e, às vezes, involuntária (pois não podia ser suprimida).

Entretanto, mesmo com todas essas suposições a respeito da pré-ativação preditiva e a pré-ativação através de *priming*, os elementos que diferenciam uma e outra pré-ativação ainda não se mostram explícitos o suficiente. Além disso, alguns pesquisadores não consideram a previsão estratégica ou tudo ou nada, mas sim de natureza implícita e probabilística. Enquanto que outros pesquisadores apontam evidências de que mesmo o *priming* “automático” às vezes pode estar sujeito a um controle estratégico.

Dentro da literatura psicolinguística, muitos pesquisadores defendem a ideia de predição “verdadeira”. De acordo com esses pesquisadores, ainda que usássemos informação de nível superior dentro da nossa representação interna de conhecimento prévio para pré-ativar informações de níveis inferiores, isso não seria a predição “verdadeira”, pois esta vai além da pré-ativação preditiva.

Há ainda autores que distinguem entre uma pré-ativação graduada e uma obrigação preditiva com um candidato pré-ativado específico ou, ainda, entre a pré-ativação graduada de múltiplos candidatos dentro da memória de longo prazo (pré-ativação preditiva) e a obrigação de usar um ou mais candidatos para pré-atualizar a representação interna do contexto.

Algo que parece ser comum entre essas visões é a ideia de que, caso essas obrigações preditivas fossem violadas pelo *input bottom-up*, isso levaria a um aumento adicional nos tempos de reação ou atividade neural adicional, o que pode refletir adaptação.

Em sua última seção, os autores do artigo apontam a diferença entre usar o contexto para facilitar o processamento de informações futuras e usar o contexto para pré-ativar essas informações futuras, pois, segundo eles, a pré-ativação preditiva e a pré-atualização (etapa adicional de atualizar sua representação interna de contexto) são coisas, por vezes, diferentes.

Todavia, Kuperberg & Jaeger (2016) defendem, em sua conclusão, que essas construções podem ser ligadas levando em consideração uma estrutura hierárquica, dinâmica e ativamente generativa de compreensão de linguagem. Essa estrutura teria como objetivo o leitor/ouvinte inferir, da melhor maneira possível, a interpretação ou nível da mensagem ou o modelo situacional que o produtor pretende comunicar.

Dentro dessa estrutura, o propósito é alcançado por meio de ciclos incrementais de atualização de crenças (inferência bayesiana) em vários níveis de representação. Os autores acreditam que o leitor/ouvinte estenda ativamente as previsões para níveis mais baixos de representação (que corresponde à pré-ativação preditiva), isso é feito com o intuito de diminuir a surpresa bayesiana aguardada em cada novo *input* bottom-up. Dessa maneira, quando um *input* bottom-up é encontrado, qualquer surpresa bayesiana nessas representações de nível inferior será menor do que se o leitor/ouvinte não tivesse pré-ativado de forma preditiva a informação. Finalmente, o leitor/ouvinte com recursos limitados pode alcançar esse objetivo com mais eficiência, rapidez e flexibilidade se ele ponderar o grau de atualização levando em consideração seu conhecimento prévio.

Os autores concluem apontando que, apesar de eles terem focado no papel e no valor da previsão probabilística na compreensão da linguagem, ao longo da comunicação cotidiana essas estatísticas mudam constantemente. Isso ocorre, pois cada pessoa tem seu estilo, sotaque, conjuntos de preferências sintáticas e lexicais, além do conhecimento prévio que é atualizado a todo momento por meio de nossas experiências diárias.

3.3 Ferreira & Chantavarin (2018)

Atualmente, há muitos estudos sobre previsão na linguagem. Ferreira & Chantavarin analisam, nesse artigo, a previsão no processamento de linguagem e os modelos de processos de compreensão e integração, que basicamente ignoravam a previsão. Enquanto a previsão assume que há um “mecanismo preditivo” que antecipa interações comunicativas através do contexto e conhecimento prévio, os modelos de processos de compreensão e integração tinham como foco principal estudar como as pessoas ligariam as informações linguísticas recebidas aos *inputs* anteriores e ao conhecimento prévio, a fim de gerar interpretações satisfatórias de textos e conversas.

Assim sendo, na tradição de algumas décadas atrás, acreditava-se que o principal mecanismo de apoio à compreensão da linguagem era a integração. Os pesquisadores argumentavam que os falantes organizavam suas frases a fim de que o conteúdo inicial (informação recebida) se anexasse à discussão e, juntamente a isso, ao conhecimento prévio. Assim, à medida que o input fosse processado, a representação do receptor seria continuamente atualizada com informações novas, resultando assim numa representação cada vez mais rica e elaborada.

Por outro lado, temos atualmente a predição. Para os pesquisadores que defendem a teoria da predição, a teoria assume que os leitores/ouvintes interpretam o input linguístico baseado em suas expectativas, e essa expectativa os leva a prever algumas palavras iminentes.

Dessa maneira, os autores deixam claro que o foco do presente trabalho não é criticar ou defender uma ou outra teoria, mas sim unificá-las a fim de formular teorias mais profundas e explicativas a respeito da compreensão da linguagem. Para isso, eles lançam mão de duas afirmações: a integração fundamenta a predição e a linguagem não é tão redundante quanto algumas abordagens baseadas em predição alegam.

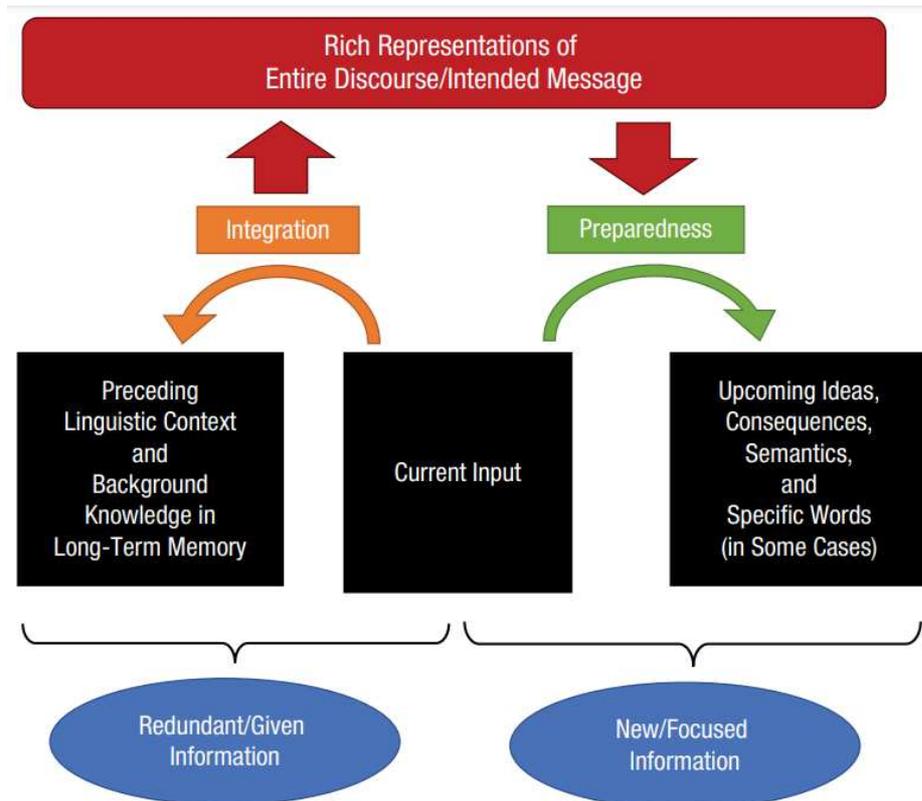
Estudos mais antigos enfatizavam a compreensão e como as pessoas conectavam as formas linguísticas e as relacionavam à memória de longo prazo. Kintsch (1988), por exemplo, propunha que sentenças ativavam informações armazenadas na memória de longo prazo, permitindo com que o leitor/ouvinte estabelecesse relações linguísticas importantes, como correferência, e relações semânticas, como causalidade. Como, por exemplo, a sentença “Sam jogou o relatório no fogo”, o leitor/ouvinte poderia inferir ou prever que o relatório conseqüentemente pegou fogo e, a partir disso, interpretaria o texto seguinte.

Embora parecesse coerente pensar que inferências futuras pudessem ser feitas durante a compreensão, as evidências eram poucas nessa época e muitos pesquisadores se mostravam relutantes com a ideia de predição. A rigorosidade no que diz respeito aos padrões de evidência de predição também era um complicador. Provas de que uma palavra ou frase altamente restrita contextualmente pudesse ser lida mais rapidamente do que outras em ambiente menos restrito não eram o suficiente. Nem mesmo um resultado que poderia ser atribuído ao priming foi visto como evidência de predição, pois isso faria relação a um mecanismo passivo,

operando em um único nível de compreensão e, para alguns pesquisadores da época, a predição genuína era entendida como ativo, construtivo e de modelo top-down.

Desse modo, no intuito de unificar as duas abordagens descritas acima, os autores propõem uma abordagem híbrida que é explicada na figura abaixo:

Figura 4: Esquema de representações ricas dos discurso/mensagem pretendida.



Fonte: Ferreira & Chantavarin (2018, p. 446).

Analisando a figura, é possível observar a divisão de uma frase em informação dada e nova. A informação nova entra em contato com o material linguístico (input) anterior juntamente com o conhecimento prévio e a integração do input com o contexto e o conhecimento prévio leva à representação semântica rica. Concomitantemente, a informação rica é usada para antecipar (predição) o próximo conteúdo que, normalmente, será uma característica semântica e, algumas vezes, essa característica é suficiente para identificar um único item (candidato) lexical.

Segundo os autores, o ponto principal aqui é a troca do termo predição pelo conceito de preparação. Embora a preparação seja semelhante ao conceito de predição, essa semelhança está no fato de que os dois termos dizem respeito ao processo prospectivo que ocorre antes do input ser recebido. Todavia, o foco da

preparação são as informações futuras, diferentemente da predição que seria as informações já conhecidas (conhecimento prévio). Além disso, a preparação depende da formação de uma representação rica do discurso.

Portanto, como exemplificado na imagem acima, Ferreira & Chantavarin defendem a ideia de que a predição e a integração são complementares. Isso porque uma representação rica do discurso possibilita o ouvinte/leitor estar preparado para receber informações novas, que resultariam em previsões mais precisas.

3.4 Huettig (2015)

Huettig (2015) inicia seu texto apontando que a ideia de predição ser um princípio fundamental do processamento da informação humana tem sido bastante debatida e no decorrer do seu trabalho o autor define a predição como sendo a “pré-ativação/recuperação do *input* linguístico antes que esse *input* seja encontrado pelo compreendedor da linguagem.”⁶ (p. 8, 2015). A partir disso, o autor considera, em seu artigo, quatro indagações que, segundo ele, são centrais para a compreensão do processo preditivo: “por quê?”, “o quê?”, “quando?” e “como?”.

A primeira pergunta proposta por Huettig (2015) é “por quê?”, isto é, qual seria a função da predição no processamento da linguagem. É sabido que a predição nos traz muitos benefícios, desde permitir um processamento mais rápido e com maior eficiência das operações mentais até a redução de ambiguidades inerentes a muitos enunciados linguísticos.

Para tratar essa questão, o autor aponta três argumentos, o primeiro é “a predição é necessária para aprender”. Ele cita Elman (1990) como exemplo de modeladores conexionistas, os quais trazem a noção de que redes recorrentes simples, utilizando as probabilidades condicionais de pedaços (*chunks*) sucessivos, podem aprender como fazer predições. Assim sendo, a aprendizagem acontece como consequência da capacidade das redes recorrentes simples perceberem dependências preditivas.

Para Saffran (1996), essas dependências permitem que os aprendizes de uma língua adquiram uma estrutura abstrata e que, ainda, essas dependências preditivas

⁶ Tradução livre feita pelo autor para o seguinte trecho presente no texto original “pre-activation/retrieval of linguistic input before it is encountered by the language comprehender”. (Huettig, 2015:8)

na estrutura da frase são percebidas por esses aprendizes e usadas para estabelecer sequências de palavras que se agrupam em frases. Todavia, apesar de crer que a capacidade de extrair regularidades estatísticas esteja conectada às habilidades de previsão de um indivíduo, vale salientar que o aprendizado de uma língua não requer necessariamente a utilização de previsão.

Já o segundo argumento é “a predição é necessária para coordenar o diálogo”. Uma função importante da predição pode ser a facilitação da compreensão mútua a fim de ajudar a interação. Apesar de apontar pontos a favor da predição na coordenação de uma interação, como o fato de o diálogo facilitar o alinhamento dos estados mentais dos interlocutores (Pickering & Garrod, 2004), facilitar também a imitação aberta (Prinz, 2006), e, até mesmo, a predição na velocidade da fala para garantir ao falante a tomada de turno no momento correto (Scott, McGettigan e Eisner, 2009), o autor ressalta que muitas das evidências coletadas nos relatos supracitados foram obtidas em contextos muito específicos, nos quais pode ter sido fácil, por exemplo, completar os enunciados dos interlocutores.

O argumento “é simplesmente assim que a mente funciona” é o terceiro e último apontado pelo autor. Apesar de citar Clark (2013), que defende a ideia da mente como um mecanismo preditivo, e Friston (2010), que argumenta que a codificação preditiva minimiza os erros de predição através de interações recorrentes e recíprocas, Huettig (2015) afirma que para avaliar a questão do “por quê?” do processamento preditivo da linguagem é necessário considerar o “o quê” antes.

Desse modo, o autor busca esclarecer quais são as pistas usadas para prever informações linguísticas futuras e que tipo de representações são previstas. Para o autor, uma das pistas usadas pelos ouvintes/leitores para a predição são as regularidades presentes na fala. Todavia, o fato de os indivíduos serem capazes de perceberem pistas de tempo para a reprodução de linguagem diz muito pouco sobre até que ponto essas regularidades são realmente usadas para a predição.

No que diz respeito às pistas utilizadas pelo ouvinte/leitor com o intuito preditivo, estudos utilizando rastreamento ocular (procedimento utilizado em experimentos da psicolinguística que faz a mediação da posição relativa do olhar por meio de rastreadores oculares a fim de examinar processos mentais relacionados à linguagem) mostram que os ouvintes/leitores usam muitas pistas específicas para a predição, como, por exemplo, marcação de caso, prosódia, semântica, etc.

No que concerne ao conteúdo da predição, o autor aponta que os estudos eletrofisiológicos (como, por exemplo, Federmeier & Kutas, 1999; Federmeier, McLennan, De Ochoa, & Kutas, 2002) oferecem evidências sobre quais tipos de representações são ativadas durante o processamento preditivo da linguagem, isto é, o usuário de uma língua pode pré-ativar traços semânticos/conceituais, morfossintáticos, a forma fonológica e a forma ortográfica de um conceito predito. E, mais uma vez, o autor aponta a necessidade de mais pesquisas no canto da pré-ativação de preditividade.

Em seguida, ele aborda a questão “como?” com o intuito de apresentar quais mecanismos estão envolvidos no processamento preditivo de linguagem e qual é o papel de possíveis fatores mediadores, como, por exemplo, a memória de trabalho.

Seguindo essa ideia, o autor deixa claro que nos últimos anos muito se pesquisou sobre predição, todavia, ainda há poucas pesquisas quando o assunto é estabelecer os mecanismos e fatores mediadores do processamento preditivo. Assim, ele propõe que a mente humana utiliza dois sistemas distintos e baseia-se em Kahneman (2013) para definir esses dois sistemas. Kahneman (2013, p.15) define o sistema 1 como operando “automaticamente e rapidamente, com pouco ou nenhum esforço e nenhum senso de controle voluntário”, por outro lado, ele supõe que o sistema 2 “foque nas atividades de grande esforço mental (incluindo cálculos complexos), essas operações são frequentemente associadas à experiência subjetiva de ação, escolha e concentração”.

Tomando Kahneman (2013) como parâmetro, Huettig (2015) sugere que os sistemas supracitados podem ser vinculados às rotas distintas do processamento preditivo da linguagem. Para ele, o sistema 1 é a rota “estúpida” para a predição, pois os mecanismos associativos simples levam à pré-ativação do *input* linguístico. Já o sistema 2, é a rota “inteligente” para a predição e está ligada a um raciocínio mais complexo. Logo, o autor defende a ideia de que fatores verbais e não verbais contribuem para a predição e que, portanto, é mais consistente a noção de que dois sistemas ou sistemas múltiplos do que um único sistema de predição.

Em seguida é exposto um terceiro mecanismo de predição: a rota produção. Esse mecanismo se encaixa naturalmente em pesquisas sobre percepção e ação, isso porque a compreensão da linguagem pode ser entendida como uma forma de percepção de ação e a produção de linguagem como uma forma de ação. Todavia, o autor aponta o fato de que ainda são escassas as pesquisas sobre esse assunto.

Huettig (2015) apresenta quatro mecanismos que, para ele, são minimamente necessários para explicar o processamento preditivo: Produção, Associação, Combinatória, Predição baseada em Simulação.

Primeiro, ele sugere que o leitor/ouvinte faz uso do seu sistema de produção de linguagem para antecipar o que está por vir, na fala ou leitura. Ele argumenta que as nossas experiências de completar o que o outro irá dizer são baseadas em representações de produção totalmente específicas.

Em segundo lugar, ele acredita que o *input* seguinte é pré-ativado por mecanismos associativos simples. Ele ainda aponta que há evidências de que o *priming* não se restringe ao conhecimento semântico, mas também envolve as informações fonológicas, ortográficas e não linguísticas.

No terceiro ponto, ele aponta que há evidências para a pré-ativação do *input* linguístico por meio de mecanismos combinatórios (sensíveis à múltiplas restrições linguísticas) e à construção de significado de ordem superior.

E por fim, em quarto lugar, ele propõe que o *input* possa ser ativado por meio de simulação de eventos. Usamos, por várias vezes, imagens mentais para simular eventos, porém tais simulações não são realmente necessárias para a compreensão da linguagem. No entanto, vale ressaltar que essas simulações têm um papel importante na predição, pois são elas que pré-ativam as representações linguísticas e vice-versa.

Após apresentar esses mecanismos, o autor aborda a importância da memória para o processamento preditivo. Huettig, Olivers e Hartusiker (2010) argumentam que “a memória de trabalho conecta representações visuais e linguísticas de longo prazo a locais específicos⁷”. Isso mostra que a memória de trabalho tem um papel fundamental na predição linguística ou visual, como, por exemplo, nos movimentos oculares em uma leitura. Vale evidenciar que a memória de trabalho e a velocidade do processamento preditivo podem ser particularmente fortes em contextos específicos, como, por exemplo, quando a linguagem falada é usada em relação a um ambiente visual.

Assim sendo, é válido entender que os modelos de processamento preditivo devem levar em consideração fatores mediadores, como a memória de trabalho e a

⁷ Tradução livre feita pelo autor para o seguinte trecho presente no texto original “working memory connects long-term visual and linguistic representations to specific locations” Huettig (2015:18).

velocidade de processamento. Outros fatores que influenciam na predição, segundo o autor, é a idade e o nível de alfabetização. A idade influencia visto que apesar de os mais velhos terem mais experiências e conhecimento prévio, com o passar do tempo a memória de trabalho e a velocidade no processamento tendem a ficar mais lentas. Todavia, o autor aponta que ainda são necessários mais estudos sobre o tema. Já a alfabetização influencia aguçando as representações lexicais pré-existentes. Em outras palavras, a experiência ortográfica/escrita oferece ao ouvinte/leitor representações adicionais para o processamento preditivo.

Finalmente, o autor aborda a questão “quando?”. Para ele, essa talvez seja a resposta mais complicada de ser respondida, isso porque, através dos estudos feitos até o presente momento, não é possível dizer com certeza se o ser humano usa predição a todo o momento. Ele relata que há muitas pesquisas feitas sobre o tempo, porém são pesquisas propícias ao uso da predição e que, segundo ele, no dia a dia, nós não fazemos tantas predições como apontam alguns estudos. Ele ainda aponta que participantes com baixo nível de escolaridade não fazem predição como os estudantes alfabetizados, ou seja, ainda são necessários muitos estudos para tratar o “quando”.

Huettig (2015) conclui seu artigo deixando claro que o texto tem como intuito gerar questionamentos. Apesar de discutir em seu trabalho o papel da memória de trabalho, eficiência cognitiva, idade e alfabetização, que influenciam a previsão, a todo momento ele deixa claro que muitos estudos ainda são necessários e que a predição é um tema que ainda se sabe pouco. Desse modo, ele acredita que a predição talvez aconteça mais facilmente em indivíduos que tenham altos níveis de proficiência na tarefa executada. Isto é, “talvez a predição ocorra menos ou não ocorra em situações desafiadoras e em usuários de linguagem menos proficientes⁸” (p.23).

⁸ Tradução livre feita pelo autor para o seguinte trecho presente no texto original “Perhaps prediction occurs less or not at all in challenging situations and in less proficient language users” (Huettig, 2015:23).

4 EXPERIMENTO I

O experimento I teve como intuito checar o conhecimento de participantes brasileiros sobre alguns estrangeirismos do inglês usados no PB previamente selecionados pelo pesquisador. Esse experimento foi projetado com estrangeirismos coletados em textos e redes sociais usados em português e foi conferida a frequência desses vocábulos através do site de busca google.com (tabela 1). Nessa fase de coleta de dados, a frequência de ocorrência no site foi conferida utilizando o seguinte filtro de pesquisa: “português” – somente ocorrências em sites de língua portuguesa. Com esse experimento, pretendíamos verificar a familiaridade (grau de compreensão) dos participantes com os estrangeirismos apresentados para que, em um futuro próximo, usemos esses dados como base de um segundo experimento, dessa vez com estrangeirismos contextualizados.

Tabela 1: Frequência dos estrangeirismos Grupo A e B.

| Grupo A | |
|------------------------------|---|
| Estrangeirismo | Frequência (somente páginas em português) |
| Notebook (F) | 101.000.000 (há variações que não estão sendo contadas, como note, computador, laptop, pc) |
| Link (F) | 1.130.000.000 |
| Shopping (F) | 460.000.000 |
| Internet (F) | 1.180.000.000 |
| Jeans (F) | 70.100.000 |
| Fast food (F) | 21.700.000 |
| Light (F) | 209.000.000 |
| Milkshake (F) | 4.580.000 (as propagandas no geral são focadas em fast food, onde temos milkshake, mas o foco hoje em dia já não é mais a bebida em si como era anos atrás) |
| Fanfic (NF) | 11.900.000 |
| Podcast (NF) | 115.000.000 (crescimento do uso dessa ferramenta nos últimos anos) |
| Bug (NF) | 29.600.000 |
| Flop (NF) | 4.250.000 |
| Influencer (NF) | 21.200.000 |
| Backup (NF) | 14.800.000 |
| Freelance (NF) | 3.730.000 |
| Unfollow (NF) | 2.000.000 |
| Grupo B | |
| Estrangeirismo | Frequência (somente páginas em português) |
| Show (F) | 544.000.000 |
| Videogame (F) | 160.000.000 |
| Outdoor (F) | 40.100.000 |
| Shampoo (F) | 31.600.000 |
| Site (F) | 2.500.000.000 |
| Playlist (F) | 222.000.000 |
| Download (F) | 667.000.000 |
| Online (F) | 1.590.000.000 |
| Personal Trainer (NF) | 9.570.000 |
| Hobby (NF) | 14.600.000 |
| Gamer (NF) | 55.000.000 |
| Feedback (NF) | 78.700.000 |
| Plot Twist (NF) | 1.440.000 |
| Hit (NF) | 60.900.000 |
| Spoiler (NF) | 22.900.000 |
| Upgrade (NF) | 20.500.000 |

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como é possível observar no quadro acima (tabela 1), avaliando a frequência dos estrangeirismos, dividimos os exemplos coletados em dois grupos: familiares (F) e não familiares (NF). Os estrangeirismos foram selecionados pela experiência e intuição do pesquisador e, em seguida, foi checada a frequência desses vocábulos no site www.google.com. Essa divisão foi feita através do número de ocorrências

coletadas no quadro acima. Vale ressaltar que o site *google.com* traz um certo enviesamento por questão de usabilidade de determinadas palavras, como *milkshake* e *podcast*.

A partir disso, foi proposto o experimento 1 (figura 5). Esse experimento consistia em pedir para o participante apontar se conhecia o estrangeirismo apresentado ou não e, caso a resposta fosse “sim”, seria pedido ao participante para apresentar um sinônimo ou significado daquele vocábulo em português e, logo em seguida, produzir um exemplo de uso desse estrangeirismo em uma frase.

Figura 5: Perguntas do experimento.

- ▶ Você conhece a palavra “notebook”?

Sim () Não ()

- ▶ Dê o significado ou um sinônimo dessa palavra.
-

- ▶ Dê um exemplo de uso dessa palavra em uma frase.
-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com base na amostra coletada através do experimento, foi possível analisar alguns estrangeirismos do inglês presentes no PB além de obter um corpus com sinônimos, significados e exemplos desses estrangeirismos.

4.1 Perfil dos participantes

Para o experimento 1, o perfil dos participantes foi dividido em cinco partes: “nível autodeclarado de inglês”, “habilidade de leitura”, “contato com a língua inglesa”, “familiaridade com os estrangeirismos” e “tempo de estudo de inglês como segunda língua”. Essas perguntas tinham como intuito traçar um perfil do participante, isso porque acreditávamos que os participantes com maior conhecimento de língua inglesa teriam mais facilidade em apontar o significado do estrangeirismo ou, se ainda, o fato de conhecer o estrangeirismo em sua língua de origem interferiria no momento de apresentar um sinônimo ou definição. Em outras palavras, pretendíamos averiguar se um conhecedor da língua inglesa, ao se deparar, por exemplo, com o estrangeirismo “notebook”, responderia instintivamente que o sinônimo ou significado daquela palavra seria “um computador portátil” (significado do estrangeirismo no Brasil) ou “um caderno” (significado da palavra em inglês).

Assim sendo, nossa hipótese era de que o conhecedor da língua inglesa, mesmo que ficasse em dúvida sobre marcar “notebook” como caderno ou computador portátil, ainda assim marcaria mais estrangeirismos como sendo conhecidos por ele/ela, independente de ser do grupo de estrangeirismos familiares ou não, do que um participante que tivesse pouco conhecimento da língua inglesa.

Isto posto, temos na figura 6, um exemplo de como a pergunta sobre “nível autodeclarado de inglês” se apresentava para o participante. A resposta a essa pergunta era obrigatória para seguir com o questionário.

Figura 6: Exemplo de pergunta sobre o perfil do participante (nível autodeclarado de inglês).

Você considera seu nível de inglês: *

- Fluente.
- Avançado.
- Intermediário.
- Básico.
- Não possuo.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para nossa análise, devido à proximidade dos níveis de percepção do participante, alguns níveis foram combinados. Assim sendo, o “nível autodeclarado de inglês” foi dividido em dois grupos: “Básico/Não possui” e “Avançado/Fluente”. O nível “intermediário” foi desconsiderado, pois não conseguimos participantes em número suficiente desse nível para fazer uma amostra balanceada, dessa maneira, os participantes desse nível foram excluídos da análise. No “grupo A” e “grupo B”, analisamos 9 participantes autodeclarados de nível “Básico/Não possui” e 9 participantes autodeclarados de nível “Avançado/Fluente” em cada grupo, totalizando 36 participantes.

Já na pergunta sobre “habilidade de leitura”, como vemos na figura 7, os participantes tinham três opções de resposta. A resposta a essa pergunta também era obrigatória para seguir com o questionário.

Figura 7: Exemplo de pergunta sobre o perfil do participante (habilidade de leitura).

Você consegue ler um texto sobre assuntos cotidianos de 30 linhas em inglês? *

Sim. Tranquilamente.

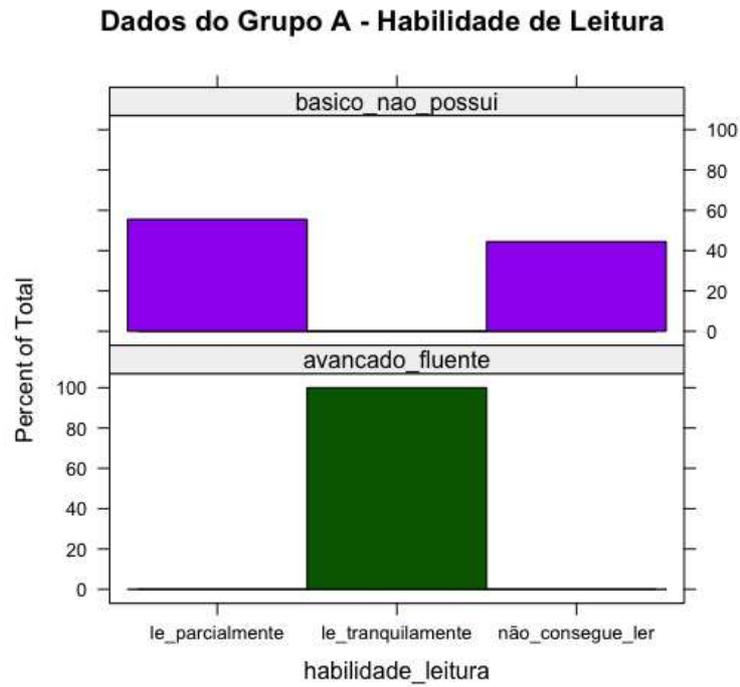
Parcialmente.

Não consigo ler em inglês.

Fonte: Elaborada pelo autor.

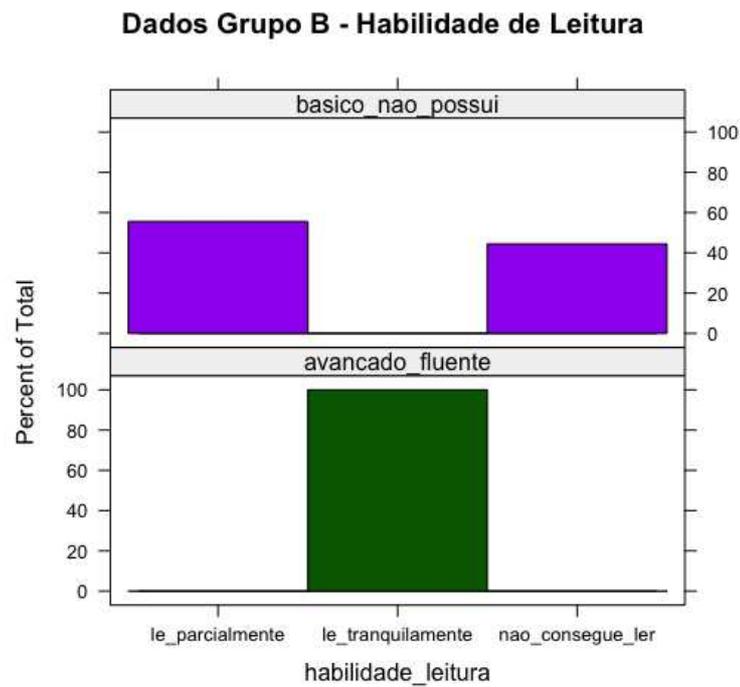
Nessa pergunta, o participante apontaria sua capacidade de leitura, em inglês, de um texto com tema cotidiano em torno de 30 linhas. Especificamente nessa pergunta, todos os 18 participantes do “grupo A” e “grupo B”, pertencentes ao grupo “Avançado/Fluente”, responderam que conseguem ler tranquilamente um texto em inglês, enquanto no grupo “Básico/Não possui”, 10 participantes (5 do “grupo A” e 5 do “grupo B”) responderam que conseguem ler parcialmente um texto, o que equivale a 55%, e 8 participantes (4 “grupo A” e 4 “grupo B”) responderam que não conseguiriam ler um texto de 30 linhas completamente em inglês, o que equivale a 44% dos participantes.

Figura 8: Gráfico de “habilidade de leitura” do Grupo A



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 9: Gráfico de “habilidade de leitura” do Grupo B



Fonte: Elaborada pelo autor.

Na questão “contato com a língua inglesa”, como podemos observar na figura 10, foi perguntado aos participantes qual o contato que eles tinham diariamente ou periodicamente com a língua inglesa, ou seja, se estudavam inglês em escola regular, se faziam curso particular ou se estudavam por conta própria. A resposta a essa pergunta também era obrigatória para seguir com o questionário.

Figura 10: Exemplo de pergunta sobre o perfil do participante (contato com a língua inglesa).

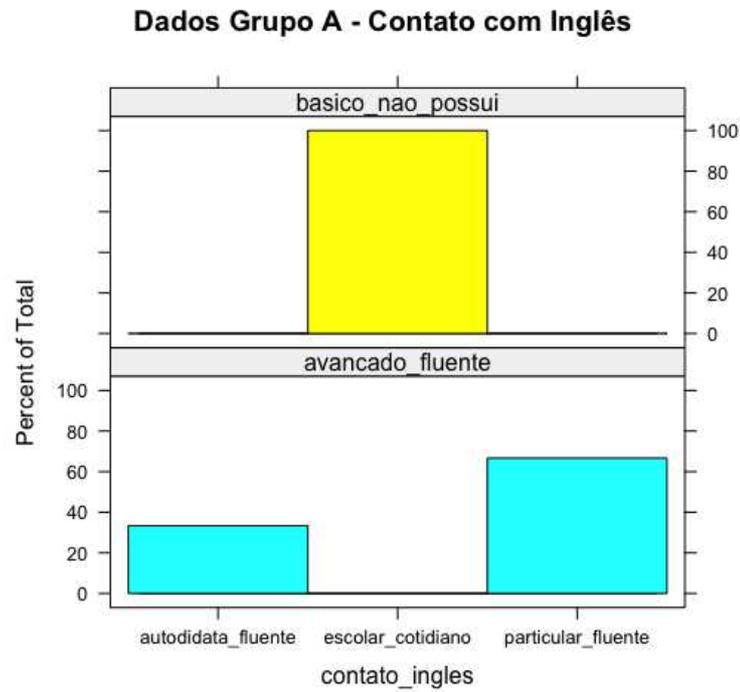
Qual seu contato com a língua inglesa? *

- Estudo inglês em escola de idiomas há anos, sou fluente.
- Meu conhecimento de inglês é o que aprendi na aula de Inglês na escola ou tenho contato com a língua inglesa apenas através de músicas, séries, jogos, etc.
- Sou autodidata (estudo sozinho) e tenho fluência na língua inglesa.

Fonte: Elaborada pelo autor.

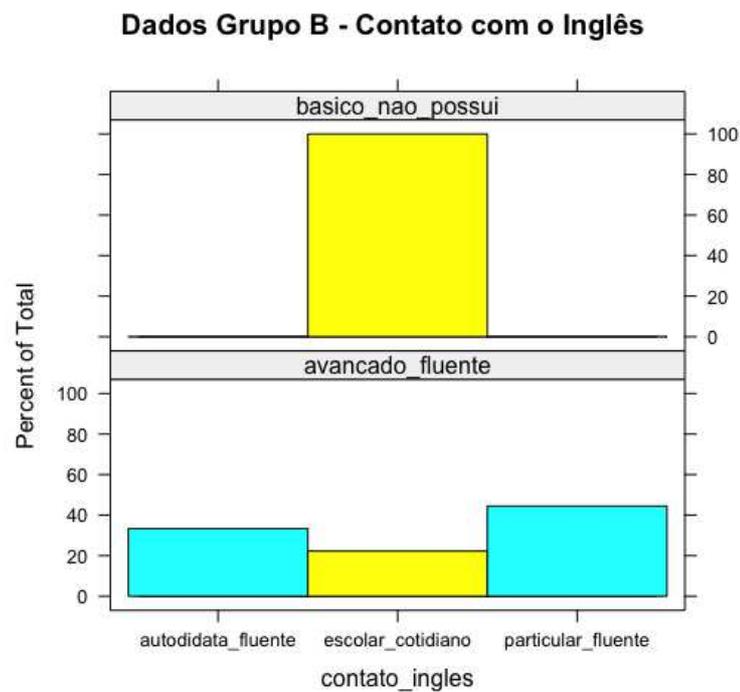
Nessa pergunta do perfil do participante, dividimos as respostas em três grupos: “Particular/Fluente”, “Escolar/Cotidiano” e “Autodidata/Fluente”. No “grupo A” dos participantes de nível autodeclarado “Avançado/Fluente”, foram observadas 6 respostas de contato com o Inglês “Particular/Fluente”, o que equivale a 67% dos participantes, e 3 respostas de “Autodidata/Fluente”, o que equivale a 33% dos participantes. Enquanto no “grupo B”, observamos 4 respostas de “Particular/Fluente”, o que equivale a 44,4% dos participantes, 3 respostas de “Autodidata/Fluente”, equivalente a 33,3% dos participantes, e 2 respostas de “Escolar/Cotidiano”, equivalente a 22,2% dos participantes. Em contraponto, todos os 18 participantes de nível autodeclarado “Básico/Não possui” do “grupo A” e “grupo B” marcaram “Escolar/Cotidiano” para respostas para o contato com a língua inglesa, o que representa 100% dos participantes do “grupo A” e 100% dos participantes do “grupo B” com nível autodeclarado “Básico/Não possui”.

Figura 11: Gráfico de “contato com inglês” do Grupo A



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 12: Gráfico de “contato com inglês” do Grupo B



Fonte: Elaborada pelo autor.

Por último, a questão sobre o tempo de estudo de inglês como segunda língua foi apresentada aos participantes como exemplificada na figura 13. A resposta a essa pergunta não era obrigatória para seguir com o questionário, assim sendo, alguns responderam marcando o tempo de estudo somente em curso de língua particular e a maioria dos participantes que tiveram o inglês somente como ensino “Escolar/Cotidiano” optaram por não responder.

É válido salientar que, caso essa pergunta fosse obrigatória, haveria uma grande possibilidade de que os participantes respondessem mais de 5 anos de estudo de inglês como segunda língua, pois atualmente no Brasil o inglês é matéria obrigatória do 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, o que resultaria em 7 anos de estudo de inglês, mas, apesar desse tempo, os participantes ainda continuariam marcando nível “Básico/Não possui” e indicando que não conseguiriam ler um texto de 30 linhas completamente em inglês.

Figura 13: Exemplo de pergunta sobre o perfil do participante (tempo de estudo de inglês como segunda língua).

Caso estude inglês, há quanto tempo?

- 1 a 2 anos.
- 3 a 4 anos.
- mais de 5 anos.

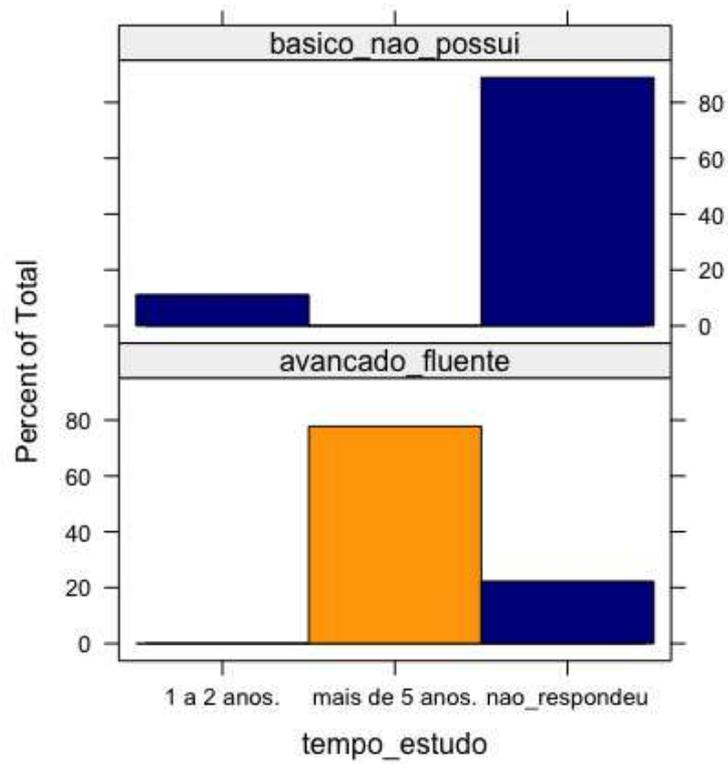
Fonte: Elaborada pelo autor.

Dessa maneira, nesse ponto do questionário, 16 participantes do grupo “Avançado/Fluente” (7 do “grupo A”, o que equivale a 78% dos participantes, e 9 do “grupo B”, o que equivale a 100% dos participantes) marcaram o tempo de estudo de inglês como segunda língua acima de 5 anos e apenas dois participantes do “grupo A” optaram por não responder essa parte, o que equivale a 22% dos participantes. Já no grupo “Básico/Não possui”, 15 participantes (8 do “grupo A”, o que equivale a 89% dos participantes, e 7 do “grupo B”, o que equivale a 78% dos participantes) optaram por não responder essa parte do questionário e somente 3 participantes (1 do “grupo A”, o que equivale a 11% dos participantes, e 2 do “grupo B”, o que equivale a 22%

dos participantes) marcaram que tiveram de 1 a 2 anos de tempo de estudo de inglês como segundo língua.

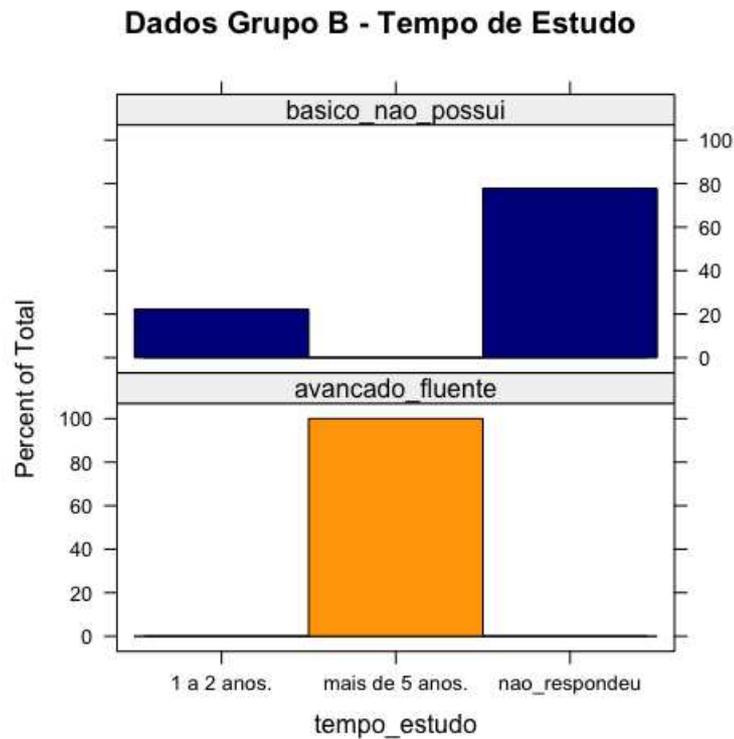
Figura 14: Gráfico de “tempo de estudo” do Grupo A

Dados Grupo A - Tempo de estudo



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 15: Gráfico de “tempo de estudo” do Grupo B



Fonte: Elaborada pelo autor.

Após a análise do perfil dos participantes, seguiremos para a análise quantitativa das respostas apresentadas no experimento 1, com intuito de comparar o perfil dos participantes com as respostas apresentadas por esses participantes.

4.2 Análise quantitativa das respostas do Experimento 1

No que concerne a parte quantitativa do experimento 1, foram analisadas as respostas de “sim” e “não” presentes no questionário da pesquisa. Como supracitado, no experimento 1, o participante era exposto a uma questão (figura 5) que o indagava sobre ele/ela conhecer ou não determinado estrangeirismo.

Como visto na tabela (1) apresentada acima, para esse experimento, selecionamos alguns estrangeirismos do inglês usados no Brasil e os dividimos em duas condições: “familiar” e “não familiar”. Em seguida, relacionamos essas duas condições às respostas de “sim” ou “não”, isto é, se os participantes conheciam ou não os estrangeirismos apresentados a eles. Vale salientar que essa condição de

familiaridade é uma variável independente, estipulada pelo pesquisador a partir do levantamento de frequência no site google.com.

Em seguida, os dados foram organizados em uma planilha para que fosse feito o teste estatístico. Para esse teste estatístico utilizamos o programa estatístico Studio R (R Core Team, 2023) e rodamos nele o teste qui-quadrado (χ^2) a fim de verificar se havia diferença entre o valor observado e o valor esperado.

Após a análise dos resultados do experimento 1, foi possível observar que, no que diz respeito aos estrangeirismos “familiares”, o “grupo A” reconheceu todos os vocábulos (143 respostas “sim” para o grupo “familiares”). Já em relação aos estrangeirismos apontados como “não familiares”, o “grupo A” reconheceu 91,66% (132 respostas “sim” para o grupo “não familiares”) e não reconheceu 8,33% (12 respostas “não” para o grupo “não familiares”) dos estrangeirismos apresentados (tabela 2). Assim sendo, essa diferença entre o reconhecimento de estrangeirismos “familiares” e “não familiares” foi significativa no teste qui-quadrado (χ^2): X-squared = 10.444, df = 1, p-value = 0.001. Isso significa que nossa hipótese foi corroborada, pois, como havia sido apontado ao início da criação do experimento, os estrangeirismos “não familiares” seriam menos reconhecidos em relação aos estrangeirismos “familiares”.

Tabela 2: Tabela de “familiaridade” e “nível autodeclarado de inglês” do Grupo A

| | Grupo A | |
|-----------------------|------------------------|------------------------|
| Familiaridade | Respostas “sim” | Respostas “não” |
| Familiares | 100,00 | 0,00 |
| Não familiares | 91,66 | 8,33 |

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como no “grupo A”, no que se refere aos estrangeirismos “familiares”, o “grupo B” também reconheceu todos os estrangeirismos apresentados (144 respostas “sim” para o grupo “familiares”). Todavia, em relação aos estrangeirismos “não familiares”, o “grupo B” reconheceu 95,13% (137 respostas “sim” para o grupo “familiares”) e não reconheceu 4,86% (7 respostas “não” para o grupo “familiares”) dos estrangeirismos

apresentados (tabela 3). Dessa maneira, no teste de qui-quadrado (χ^2), foi obtido o resultado X-squared = 5.271, df = 1, p-value = 0.021.

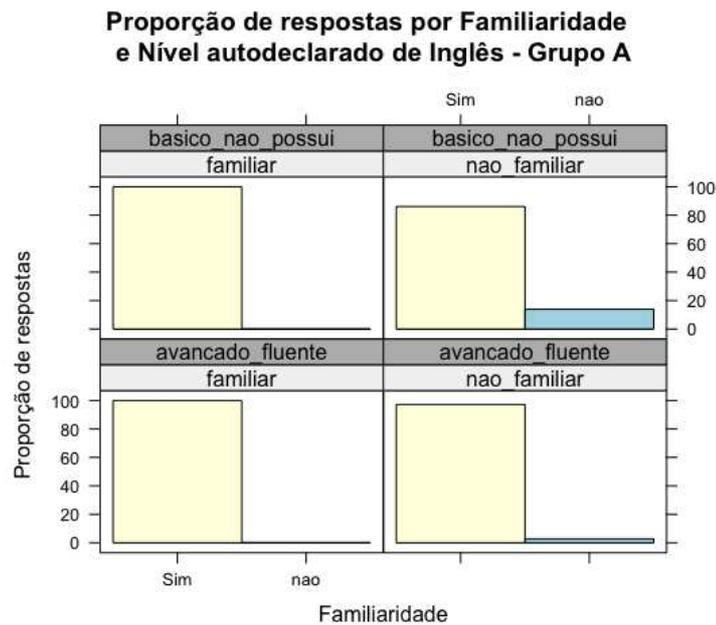
Tabela 3: Tabela de “familiaridade” e “nível autodeclarado de inglês” do Grupo B

| | Grupo B | |
|----------------|-----------------|-----------------|
| Familiaridade | Respostas “sim” | Respostas “não” |
| Familiars | 100,00 | 0,00 |
| Não familiares | 95,13 | 4,86 |

Fonte: Elaborada pelo autor.

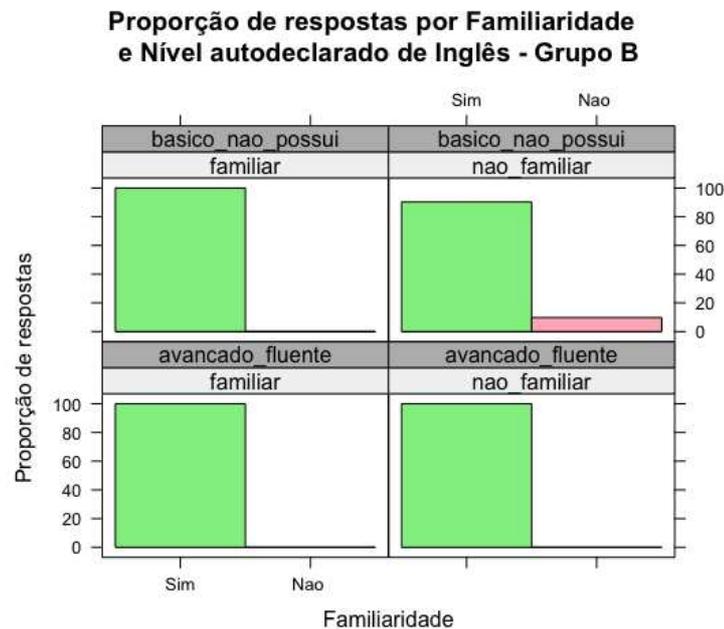
Assim sendo, dos estrangeirismos listados, definidos previamente pelo autor, como “familiares”, todos os participantes marcaram que os conheciam e apresentaram exemplos do uso (Figura 16 e figura 17). Isso corrobora os dados apresentados na lista de estrangeirismos familiares (tabela 1) de que os 16 estrangeirismos, tanto do “grupo A” quanto do “grupo B”, são vocábulos vistos como familiares.

Figura 16: Gráfico de “familiaridade” e “nível autodeclarado de inglês” do Grupo A



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 17: Gráfico de “familiaridade” e “nível autodeclarado de inglês” do Grupo B



Fonte: Elaborada pelo autor.

Entretanto, no que diz respeito aos estrangeirismos definidos previamente pelo pesquisador como “não familiares”, foram apontados alguns vocábulos como não sendo conhecidos por alguns participantes. Vale ressaltar que, com exceção de um único participante do “grupo A” com nível de inglês autodeclarado “Avançado/Fluente” (figura 16), todos os demais participantes que apontaram desconhecimento de algum dos estrangeirismos apresentados fazem parte do grupo de participantes com nível de inglês autodeclarado “Básico/Não possui”.

Desse modo, foram verificadas 12 respostas “não” no “grupo A” e 7 respostas “não” no “grupo B”. Das 12 respostas “não” do “grupo A”, os estrangeirismos “fanfic” e “flop” foram apontados por 3 participantes como desconhecidos, um participante possuindo nível de inglês autodeclarado “Avançado/Fluente” e os outros dois possuindo nível de inglês autodeclarado “Básico/Não possui”. Vale destacar que o participante do nível de inglês autodeclarado “Avançado/Fluente” tem 43 anos e os estrangeirismos em questão normalmente são mais populares entre jovens e adolescentes.

Ainda no grupo A, um único participante do nível de inglês autodeclarado “Básico/Não possui” acusou desconhecimento do estrangeirismo “bug”. Já com o estrangeirismo “freelance”, 3 participantes do nível de inglês autodeclarado “Básico/Não possui” apontaram que desconhecem tal vocábulo. Enquanto apenas 2

participantes com nível de inglês autodeclarado “Básico/Não possui” apontaram não conhecimento do estrangeirismo “unfollow”.

Partindo para o “grupo B”, 5 participantes acusaram desconhecimento do estrangeirismo “plot twist” e 2 participantes apontaram que não conhecem o estrangeirismo “upgrade”, todos os 7 participantes possuem nível de inglês autodeclarado “Básico/Não possui”.

4.3 Análise qualitativa das respostas do Experimento 1

Além dos dados coletados, foi possível, através do experimento supracitado, observar alguns exemplos de uso e significado de alguns estrangeirismos. No geral, os participantes apresentaram significados/sinônimos semelhantes, porém destacamos algumas ocorrências que mostram a variedade e flexibilidade dos estrangeirismos do inglês no PB.

Divididos em dois grupos, A e B, foram analisados 16 estrangeirismos classificados como “familiares” e 16 estrangeirismos classificados como “não familiares”. Esses 32 estrangeirismos (tabela 1) serão analisados aqui levando em consideração as respostas dadas pelos participantes do experimento 1 sobre significado/sinônimo do estrangeirismo e exemplos de uso. Apresentaremos primeiro os 16 estrangeirismos do “grupo A” e, em seguida, os 16 estrangeirismos do “grupo B”.

Iniciando o “grupo A”, o estrangeirismo “notebook” foi definido como “computador portátil” ou “laptop”, ou seja, alguns participantes usaram a palavra em inglês para definir o estrangeirismo. É válido ressaltar que 4 participantes do grupo “Avançado/Fluente” ainda apontaram como significado para “notebook” a palavra “caderno”, seu significado no inglês. Os exemplos apresentados foram sempre do objeto eletrônico (“Meu notebook ficou sem bateria”).

O estrangeirismo “link” foi definido como “endereço eletrônico”, “código de acesso à página da internet” ou “ligação”, a tradução direta do inglês. Todos os exemplos eram referentes a endereço digital (“Link na bio”).

O estrangeirismo “shopping” foi geralmente definido como “conjunto de lojas” ou “centro comercial”, apenas dois participantes do grupo “Avançado/Fluente” apontaram a diferença entre o estrangeirismo e o uso do verbo no inglês (I like

shopping⁹). Todos os exemplos apresentados eram referentes ao lugar de compras/lojas (“Vamos ao shopping”).

O estrangeirismo “internet” foi definido como “rede de conexão global”, “rede tecnológica” ou “rede de comunicação”. Todos os exemplos apresentados eram sobre o uso da internet diariamente (“Minha internet está lenta hoje”).

O estrangeirismo “jeans” foi definido, majoritariamente, como “tipo de tecido/pano”. Todos os exemplos apresentados eram referentes à roupas/tecido (“Comprei uma jaqueta jeans”).

O estrangeirismo “fast food” foi definido como “comida rápida”, “lanche”, “comércio de lanches rápidos”. Os exemplos apresentados referiam-se aos locais de venda de lanches (“O melhor fast food de JF é o Burger King”) ou ao tipo de comida (“Comer fast food todos os dias, faz mal para a saúde”).

O estrangeirismo “light” foi definido como “leve”, “comida com pouca caloria” ou ainda como “luz”, seu significado em inglês. Os exemplos referiam-se à comida menos prejudicial à saúde (“Essa comida é light”) ou ao fato de alguém estar de dieta (“Estou light, evitando comer tudo que é desnecessário para emagrecer”).

O estrangeirismo “milkshake” foi definido como “bebida a base de sorvete” ou “leite batido”, tradução literal da palavra do inglês para o português. Todos os exemplos apresentados foram para falar sobre o tipo de bebida (“Amo milkshake de morango”).

O estrangeirismo “fanfic” foi definido como “história inventada por fãs” ou “história ilusória criada/mentira”. Os exemplos apresentados foram sobre história inventada por fãs (“Adoro ler fanfics de Harry Potter”) ou história criada para a própria vida/realidade (“Conheci uma pessoa hoje e já montei toda uma fanfic em minha cabeça!”).

O estrangeirismo “podcast” foi definido como “conteúdo digital em formato de áudio”, “programa em áudio” ou ainda como “conversa/entrevista audiovisual”. Todos os exemplos apresentados diziam respeito ao programa audiovisual (“Eu gosto de ouvir os podcasts da BBC”).

O estrangeirismo “bug” foi definido como “defeito”, “algo travado”, “erro digital” ou “problema”. Os exemplos apresentados foram dentro do campo tecnológico, seja

⁹ Exemplo dado pelo autor de uso da palavra *shopping* como verbo do inglês. O verbo *shopping* no inglês é traduzido como “fazer compras”. Assim, a frase “I like shopping” é traduzida como “Eu gosto de fazer compras”.

em jogos, computadores ou celulares (“Meu jogo deu bug”), todavia, foi apresentado variações do estrangeirismo, ou seja, o estrangeirismo conjugado (“O sistema bugou”).

O estrangeirismo “flop” foi definido como “dar errado”, “fracassar”, “não obteve êxito”. Os exemplos apresentados tinham sentidos semelhantes de que algo deu errado (“A festa flopoou ontem”).

O estrangeirismo “influencer” foi definido como “pessoa que influencia outras pessoas”, “influenciador”. Todos os exemplos apresentados foram semelhantes, para falar de alguém que influencia outras pessoas, principalmente, no meio digital (“Sigo muitos influencers de moda”).

O estrangeirismo “backup” foi definido como “salvar”, “cópia de segurança” ou “recuperação de dados”. Os exemplos apresentados foram todos sobre salvamento de dados em algum meio digital (“Meu whatsapp não fez backup hoje”).

O estrangeirismo “freelance” foi definido como “trabalho sem vínculo”, “trabalho rápido sem contrato” ou “trabalho autônomo”. Todos os exemplos apresentados foram dentro do campo do trabalho esporádico (“Vou contratar um fotógrafo freelance”), todavia, é válido observar que um participante exemplificou usando uma abreviação do estrangeirismo usada no Brasil como gíria (“Ele faz freela”).

O estrangeirismo “unfollow” foi o último do grupo A, ele foi definido, majoritariamente, como “deixar de seguir alguém nas redes sociais”. Todos os exemplos foram similares e todos foram usados antecedido pelo verbo “dar” (“Ela me deu unfollow no Instagram”).

Iniciando o “grupo B”, o estrangeirismo “show” foi definido como “evento musical”, “concerto”, “apresentação artística” ou “algo muito bom”, três participantes apontaram ainda a tradução do inglês “mostrar”. Os exemplos apresentados foram, majoritariamente, sobre eventos artísticos (“Quero muito ir a um show da Taylor Swift!”), no entanto, dois participantes apontaram exemplos do estrangeirismo usado como gíria no Brasil, ambos para falar de algo bom (“Ontem, fulana deu um show” e “Seu trabalho ficou show”).

O estrangeirismo “videogame” foi definido como “jogos eletrônicos”, “jogos na televisão” ou “console”. Todos os exemplos apresentados foram dentro do campo de jogos eletrônicos para falar do objeto (“João ama jogar videogame”).

O estrangeirismo “outdoor” foi definido como “propaganda”, “cartaz” ou “painel”. Todos os exemplos apresentados foram dentro do campo de propaganda visual em vias públicas (“Na avenida principal tem um outdoor”).

O estrangeirismo “shampoo” foi definido, majoritariamente, como “produto para lavar os cabelos”. Todos os exemplos foram dentro do campo de produto de higiene pessoal (“Adorei o novo shampoo em barra da Boca Rosa”).

O estrangeirismo “site” foi definido como “página da internet”, “página online” ou “espaço/local online”. Todos os exemplos apresentados foram, majoritariamente, para se referir à uma página da internet (“Comprei muitas roupas no site da Shein”).

O estrangeirismo “playlist” foi definido, majoritariamente, como “lista de músicas” ou “lista de reprodução”. Todos os exemplos apresentados referem-se à lista de músicas (“Essa playlist da Taylor Swift é maravilhosa”).

O estrangeirismo “download” foi definido, majoritariamente, como “ato de baixar arquivos”. Todos os exemplos apresentados referem-se ao ato de baixar arquivos, todavia, vale ressaltar que o estrangeirismo foi usado como sujeito de uma sentença apenas duas vezes (“Esse download não acaba nunca”), em todos os outros exemplos, a palavra download foi utilizada acompanhada do verbo “fazer” (“Acabei de fazer o download do arquivo”).

O estrangeirismo “online” foi definido como “conectado à internet” ou “disponível na internet”. Todos os exemplos apresentados foram referentes a estar disponível ou conectado via internet (“Não me respondeu, mas tava online no whatsapp”).

O estrangeirismo “personal trainer” foi definido como “treinador pessoal” ou “instrutor de treino”. Todos os exemplos apresentados referem-se ao profissional (“Ter um personal trainer é caro”).

O estrangeirismo “hobby” foi definido como “passatempo”, “atividade feita por prazer” ou “lazer”. Todos os exemplos apresentados referem-se ao ato de fazer alguma atividade por prazer (“Arrumei um novo hobby, pintar!”).

O estrangeirismo “gamer” foi definido como “jogador” ou “pessoa que joga jogos digitais”. Todos os exemplos apresentados referem-se ao profissional (“Queria ser gamer e ficar rica”).

O estrangeirismo “feedback” foi definido como “dar um retorno”, “avaliação” ou “dar resposta a algo”. Todos os exemplos apresentados referem-se ao ato de receber

ou dar uma avaliação sobre algo ou alguém (“Gostei do feedback dado pela supervisora”).

O estrangeirismo “plot twist” foi definido, majoritariamente, como “reviravolta” ou “mudança repentina”. Todos os exemplos apresentados referem-se a uma mudança repentina em algum evento, livro ou filme (“Comecei a gostar desse filme depois do plot twist”).

O estrangeirismo “hit” foi definido como “música”, “sucesso”, “algo popular” ou “treino aeróbico” (essa possibilidade de uso foi apresentada por um participante juntamente com a definição de “música”, porém o exemplo apresentado pelo mesmo foi somente para a definição de “música”). Todos os exemplos apresentados referem-se a uma música que faz ou fez sucesso (“Essa música foi um hit nos anos 90”), todavia, um participante apontou o vocábulo para se referir a uma artista e não à música (“Anitta é o novo hit brasileiro”).

O estrangeirismo “spoiler” foi definido, majoritariamente, como “revelar algo”. Todos os exemplos apresentados referem-se ao ato de contar o final de alguma história, seja filme, série ou livro (“Tomei um spoiler do novo filme da Netflix”).

E por fim, o estrangeirismo “upgrade” foi definido como “melhoria”, “aprimoramento” ou “atualização”. Todos os exemplos apresentados referem-se a algum tipo de atualização ou melhoria, no entanto, essa melhoria pode ser em algum aparato tecnológico (“Vou fazer um upgrade neste aplicativo”), em espaços físicos (“Lívia deu um upgrade no seu quarto: agora ela tem um tapete”) ou até mesmo em coisas abstratas (“Quero dar um upgrade no meu salário”).

A partir das análises acima, é possível perceber que, no geral, os nativos de PB não têm dificuldades em reconhecer significados de todos os estrangeirismos do inglês apresentados no experimento 1. Todavia, quando se trata de falantes nativos de PB que tenham o inglês como L2 (nível autodeclarado “Avançado/Fluente”) o reconhecimento desses vocábulos estrangeiros parece ser mais fácil. Em outras palavras, os estrangeirismos selecionados pelo pesquisador e classificados como “familiares” foram reconhecidos e definidos/exemplificados por todos os participantes. Por outro lado, o conhecimento de inglês como L2 parece ter sido um “facilitador” no reconhecimento dos estrangeirismos selecionados pelo pesquisador e classificados como “não familiares”, visto que alguns estrangeirismos desse grupo não foram reconhecidos e definidos/exemplificados por alguns participantes, principalmente de nível autodeclarado “Básico/Não possui”.

Ao que tudo indica, parece que o estrangeirismo, depois de se tornar recorrente na língua, deixa de se comportar como uma palavra estrangeira do inglês e passa a se comportar como parte do PB. Essa é, possivelmente, uma das razões pela qual os falantes nativos de PB sem inglês como L2 e com nível autodeclarado “Básico/Não possui” conseguiram entender e oferecer exemplos para os estrangeirismos apresentados no experimento 1.

4.4 Resultados e Discussão

O objetivo desta pesquisa é investigar como o processo de predição ocorre em falantes nativos de português que não tenham a língua inglesa como L2 e falantes nativos de português que tenham a língua inglesa como L2 quando expostos a estrangeirismos em inglês. Isto é, buscamos analisar se conhecer a língua de origem do estrangeirismo afetaria de alguma forma a predição em sentenças que contenham esse tipo de vocábulo.

No experimento 1, foram apresentados alguns estrangeirismos coletados em textos e redes sociais usados em português e foi conferida a frequência desses vocábulos através do site de busca google.com (tabela 1). Em seguida, foi pedido para que os participantes, com e sem conhecimento de inglês como L2, oferecessem um significado ou sinônimo dos estrangeirismos em português e apontassem uma frase como exemplo de uso diário dos estrangeirismos.

Com esse experimento, pretendíamos verificar a familiaridade (grau de compreensão) dos participantes com os estrangeirismos apresentados para que, em um futuro próximo, usemos esses dados como base de um segundo experimento, dessa vez com estrangeirismos contextualizados.

A hipótese formulada para esse experimento era de que os participantes com conhecimento de inglês como L2 tivessem mais facilidade de reconhecer os estrangeirismos, além disso, acreditávamos que eles, como conhecedores da língua de origem do estrangeirismo, pudessem apresentar mais de um significado para o vocábulo.

Os resultados desse experimento mostraram que, dos estrangeirismos listados como “familiares”, todos os participantes marcaram que os conheciam e apresentaram exemplos do uso. Isso corrobora os dados apresentados na lista de estrangeirismos familiares (tabela 1) de que os 16 estrangeirismos, tanto do “grupo A” quanto do “grupo

B”, são vocábulos vistos como familiares. Todavia, nos estrangeirismos marcados como “não familiares”, foram apontados alguns vocábulos como não sendo conhecidos por alguns participantes. Vale salientar que, com exceção de um único participante do grupo A com nível de inglês autodeclarado “Avançado/Fluente”, todos os demais participantes que apontaram desconhecimento de algum dos estrangeirismos apresentados fazem parte do grupo de participantes com nível de inglês autodeclarado “Básico/Não possui”.

Assim sendo, é perceptível que conhecer o idioma de origem do estrangeirismo ajuda na compreensão desse vocábulo usado como estrangeirismo em um segundo idioma. Isto é, pelo fato de a maioria dos estrangeirismos ter significado similar à palavra em seu idioma de origem se torna mais fácil entender seu uso como estrangeirismo.

No entanto, é importante ressaltar que ao todo foram 144 itens no experimento 1 e, dentro desses itens, houve somente 7 ocorrências de não reconhecimento de estrangeirismos. Isto é, pelo menos os estrangeirismos que foram selecionados no experimento 1 têm recorrência suficiente na língua para garantir uma compreensão desses estrangeirismos mesmo para os falantes do nível autodeclarado “Básico/Não possui”.

Isto posto, os resultados observados no experimento 1 reforçam a ideia de que o estrangeirismo faz parte da língua depois de ser incorporado à mesma, o que nos leva a crer que esse comportamento pode ser semelhante na predição, pois o estrangeirismo está tão intrínseco da língua que as predições dos estrangeirismos podem ser iguais as feitas com palavras do português.

| | | |
|----------------------------------|---------------------|-------------|
| Tela 3 | um spoiler | uma fofoca |
| Tela 4 | do filme | da taça |
| Tela 5 | para pasta. | para Luana. |
| Tela 6 (pergunta de confirmação) | Mateus viu o filme? | |
| | Sim (S) | Não (N) |

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 6: Tabela de “exemplo de frases EPC/PPI no experimento II”

| Exemplo de frase EPC/PPI | | |
|---|-----------------------------|------------------|
| Tela 1 | XXX | Lara |
| Tela 2 | invejou | paladar |
| Tela 3 | o choro | o hype |
| Tela 4 | da crista | da festa |
| Tela 5 | da Kely. | da lista. |
| Tela 6 (pergunta de confirmação) | Lara faltou à festa? | |
| | Sim (S) | Não (N) |

Fonte: Elaborada pelo autor.

Após o participante passar por cinco telas escolhendo a melhor palavra ou expressão para formar a sentença, era apresentado a ele/ela, numa sexta tela, uma pergunta de confirmação. Essa pergunta era de resposta “sim” ou “não” e tinha como objetivo fazer com que o participante focasse sua atenção na formação das sentenças

e, também, para que nós pudéssemos analisar se o participante tinha entendido a frase criada a partir das escolhas feitas por ele, entre as opções disponíveis, durante o processo experimental.

Ao todo, o experimento possuía 20 frases na condição PPC, 20 frases na condição PPI e 20 frases distratoras. Ademais, no que concerne a estrutura das sentenças presentes no experimento, cada frase era composta por cinco pares de segmentos (totalizando 10 segmentos). O estrangeirismo a ser analisado aparecia nos segmentos 5 ou 6 (terceira dupla de segmentos).

O experimento foi elaborado na plataforma online PC-Ibex (ZEHR e SCHWARZ, 2023) e, portanto, realizado de forma online através de um link gerado pela plataforma supracitada, podendo ser executado através de um computador ou dispositivo móvel (celular). Vale ressaltar que a lista com os itens experimentais completos pode ser apreciada no apêndice do presente trabalho.

5.1 Metodologia

A metodologia utilizada no experimento II foi baseada no Maze Task ou tarefa labirinto (OLIVEIRA, 2020). Diferentemente dos métodos de experimentos off-line que buscam analisar o comportamento do participante pós-processamento, como, por exemplo, o julgamento de aceitabilidade, que avalia se uma sentença é aceitável ou não após ser exposto à mesma, o Maze Task (Tarefa do labirinto) é um método on-line, isto é, tem como foco analisar a “resposta” ou comportamento do participante durante o processamento (FORSTER, 2009). Dessa maneira, o tempo (TR) é uma medida extremamente importante a ser avaliada.

Em um experimento usando o Maze Task, o participante é apresentado a duas palavras por vez e precisa escolher a palavra correta para que a frase continue a ser apresentada/formada. O participante só consegue chegar ao final da frase se for escolhendo as palavras corretamente em cada etapa que a ele é apresentada. Normalmente, o participante é motivado a ser o mais rápido possível em suas escolhas para que elas sejam realmente espontâneas. Caso o participante escolha uma palavra incorreta, o computador informa o erro cometido e interrompe a frase imediatamente. A partir disso, o participante prossegue para a próxima frase. Em outras palavras, para que o participante chegue ao final da frase, ele precisa fazer todas as escolhas corretamente. Vale ressaltar que, no começo do experimento, o

participante recebe algumas frases (frases para treino) para se acostumar ao tipo de tarefa.

Esse método de experimento tem como pontos positivos, primeiramente, a precisão local, ou seja, é possível encontrar os efeitos de processamento na região específica desejada, evitando assim o efeito spill-over (quando o participante passa pela região que haveria uma dificuldade de processamento sem ter processado essa parte completamente, o que resulta em um TR maior na palavra seguinte e não na palavra onde houve realmente a dificuldade de processamento). A segunda vantagem desse método é que seria possível forçar o processamento incremental, isto é, o participante não seria capaz de formular uma grande variedade de estratégias de leitura que pudesse ser utilizada de forma satisfatória durante todo o processo. Vale salientar que forçar a integração incremental de uma palavra nova a um contexto anterior é uma reação bastante antinatural, porém acredita-se que isso propicie uma imagem mais contundente da complexidade do processo de integração. O último ponto positivo de usar o Maze Task seria a não necessidade de usar as perguntas de compreensão ao final de cada frase, uma vez que o participante precisa compreender cada parte em particular para passar para a próxima palavra.

Assim sendo, no que concerne ao experimento II, que foi uma adaptação da técnica de Maze Task, através da precisão local fomos capazes de analisar a região exata onde ocorria o fenômeno que queríamos estudar e isso foi possível, pois foi contado o tempo de escolha da palavra no par crítico do estímulo. Já no que diz respeito ao processamento incremental, o participante não era capaz de formular uma estratégia de leitura uma vez que a posição das palavras/expressões era alternada. Uma diferença entre a técnica original de Maze task e o nosso experimento II é o fato de a frase não ser interrompida quando o participante “errava”, optamos por colocar ao final de cada frase uma pergunta de compreensão para que o participante se sentisse mais motivado a compreender a frase formada pelas escolhas de palavras que ele fez.

Em outras palavras, utilizamos o método experimental de Maze Task, no entanto, foram feitas algumas alterações para que o método se adaptasse aos nossos objetivos. Isto é, os dois principais pontos distintos no método foram a falta de feedback assim que o participante marcava uma opção de escolha e a inserção de uma pergunta de compreensão ao final de cada frase. No experimento II, havia dois tipos de frases: palavra/expressão congruente em português (PPC) relacionadas com

estrangeirismo (EPC), onde ambas escolhas seriam possíveis, e palavra/expressão incongruente em português (PPI) relacionadas com estrangeirismo (EPC), em que somente uma faria sentido no contexto. Os itens experimentais foram distribuídos em dois grupos por “quadrado latino”, em cada condição havia 20 sentenças, e essas sentenças eram distribuídas entre os dois grupos de participantes, de modo que um mesmo participante não via uma mesma sentença nas duas condições. Por esse motivo, independente da resposta que o participante escolhia, o participante seguia até o final da frase sem ser interrompido e, como meio de forçar a atenção do participante, foi colocada uma pergunta de compreensão ao final de cada frase.

5.2 Perfil dos participantes

Para o experimento 2, de *Maze Task*, dividimos o perfil dos participantes em quatro partes: “sexo”, “idade”, “escolaridade” e “nível autodeclarado de inglês”. Esses pontos foram coletados com o intuito de traçar o perfil dos participantes do experimento.

A partir da análise do perfil dos participantes foi possível observar que o experimento foi respondido por 37 indivíduos. No entanto, foi necessário reduzir o número de participantes por conta de erros no preenchimento do perfil por alguns participantes e pela necessidade de balancear os grupos 1 e 2 para que tivéssemos um mesmo número de respostas para todos os itens das duas condições experimentais. Assim sendo, foi analisada a participação de 32 indivíduos, 22 participantes do sexo feminino e 10 participantes do sexo masculino. No que tange a faixa etária, os indivíduos tinham de 18 a 65 anos de idade. Ao que se refere à escolaridade, foram apontados seis níveis diferentes: “ensino médio completo” (4 participantes), “ensino superior incompleto” (1 participante), “ensino superior completo” (9 participantes), “especialização” (13 participantes), “mestrado” (2 participantes) e “doutorado” (3 participantes). Já o nível autodeclarado de inglês foi dividido, inicialmente, em quatro grupos: “conheço poucas palavras” (8 participantes), “básico” (13 participantes), “intermediário” (5 participantes) e “avançado/fluyente” (6 participantes). Entretanto, posteriormente, para fins de análise estatística da variável “nível autodeclarado de inglês” foi feito um agrupamento dos participantes em dois grupos: “iniciante” (compreendendo os participantes que declararam os níveis

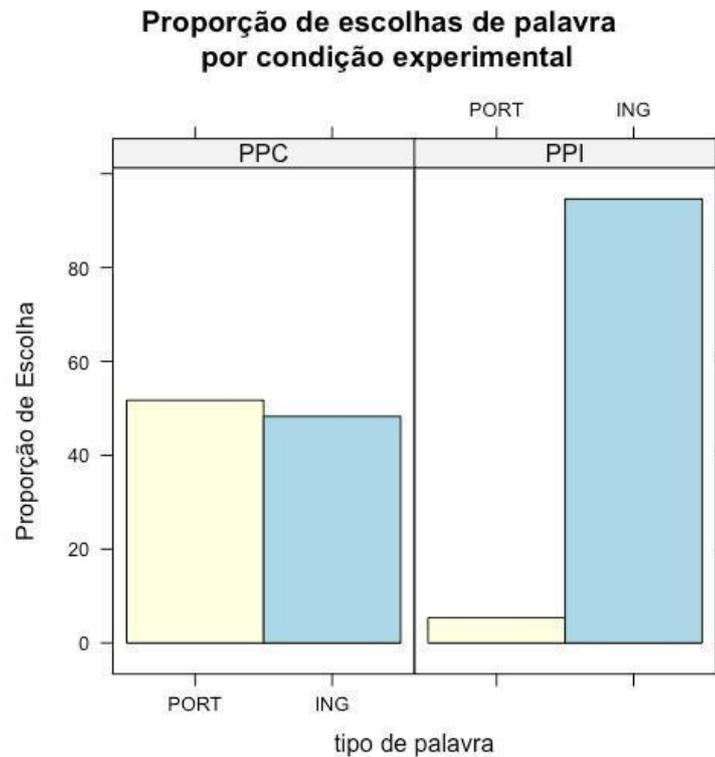
“conheço poucas palavras” e “básico”) e “experiente” (compreendendo os participantes que declararam os níveis “intermediário” e “avançado/fluyente”).

Além disso, o experimento foi feito por participantes falantes nativos de PB, todavia, em locais de domicílio distintos. O experimento foi realizado por 32 participantes domiciliados nas seguintes localidades: Juiz de Fora/ MG – 10 participantes, Rio de Janeiro/ RJ – 6 participantes, São João Del Rei/ MG – 2 participantes, São José da Lapa/MG – 1 participante, Caratinga/ MG – 1 participante, Contagem/ MG – 1 participante, Ouro Preto/ MG – 1 participante, Piumhi/ MG – 1 participante, Viçosa/ MG – 1 participante, Governador Valadares/ MG – 1 participante, Três Rios/ RJ – 1 participante, Ibatiba/ ES – 1 participante, Brasília/ DF – 1 participante, Flores da Cunha/ RS – 1 participante, EUA – 2 participantes e Não informou – 1 participante.

5.3 Análise

Após a coleta dos dados ter sido feita e esses analisados no programa RStudio (R Core Team, 2023), foi possível destacar que, no que diz respeito às sentenças EPC/PPC, a proporção de escolhas entre palavras do português e estrangeirismos foi bastante semelhante, como pode ser observado na figura 18.

Figura 18: Gráfico de “proporção de escolhas de palavra por condição PPC e PPI”



Fonte: Elaborada pelo autor.

Esse resultado corrobora a ideia inicial de que os estrangeirismos são processados da mesma maneira que as palavras do português. Ou seja, quando os participantes foram expostos a uma palavra do português possível de ser utilizada no contexto apresentado e a um estrangeirismo também possível de ser utilizado no contexto apresentado, as escolhas ficaram na casa dos 50% para cada opção, com uma leve preferência para a palavra em português (51,72%), de acordo com a tabela 7.

Além disso, é válido ressaltar que nos casos de sentenças EPC/PPI, os participantes, em sua grande maioria, optaram pelo uso do estrangeirismo (94,63%), como era esperado (tabela 7).

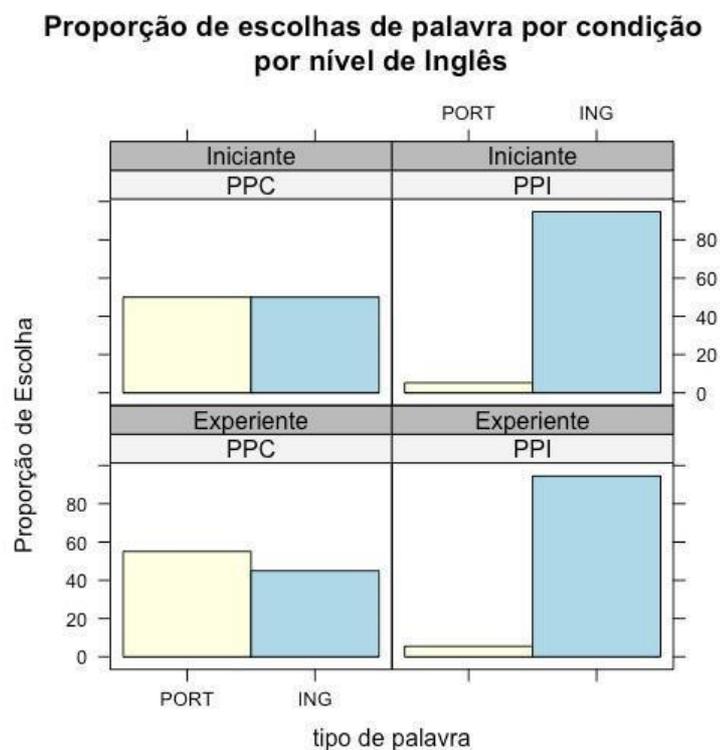
Tabela 7: Tabela de “proporção de escolhas de palavra por condição PPC e PPI”

| Tipo de sentença | Grupo | |
|------------------|--------------|--------------|
| | Inglês | Português |
| PPC | 48,27% (154) | 51,72% (165) |
| PPI | 94,63% (300) | 5,36% (17) |

Fonte: Elaborada pelo autor.

No que diz respeito ao nível de inglês autodeclarado, os participantes dos grupos “iniciante” e “experiente”, apesar de possuírem como distinção entre si o conhecimento da língua de origem do estrangeirismo, não tiveram uma diferença significativa em suas escolhas, como podemos verificar na figura 19.

Figura 19: Gráfico de “proporção de escolhas de palavra por condição PPC e PPI em relação ao nível de inglês”.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Nas sentenças do tipo PPC, o grupo “iniciante” fez escolhas bastante semelhantes ao grupo “experiente”, tanto em palavras do português (25,11% e 27,52% respectivamente) quanto nos estrangeirismos do inglês (25,11% e 22,47% respectivamente). É válido ressaltar que os participantes do grupo “iniciante” tiveram o mesmo número de escolhas para as palavras ou expressões do português e para os estrangeirismos (palavras do inglês), ao passo que o grupo “experiente”, cujo os participantes tinham mais contato com a língua de origem do estrangeirismo (inglês), escolheu um número ligeiramente maior de palavras ou expressões do português para completar as sentenças. No entanto, em termos estatísticos, não houve diferença.

Já no que compete às sentenças PPI, quando a escolha era entre estrangeirismo possível de ser utilizado no contexto e palavra do português impossível de ser usada no contexto, os resultados obtidos, assim como na condição PPC, foram bastante próximos entre os dois grupos, como podemos observar na tabela 8.

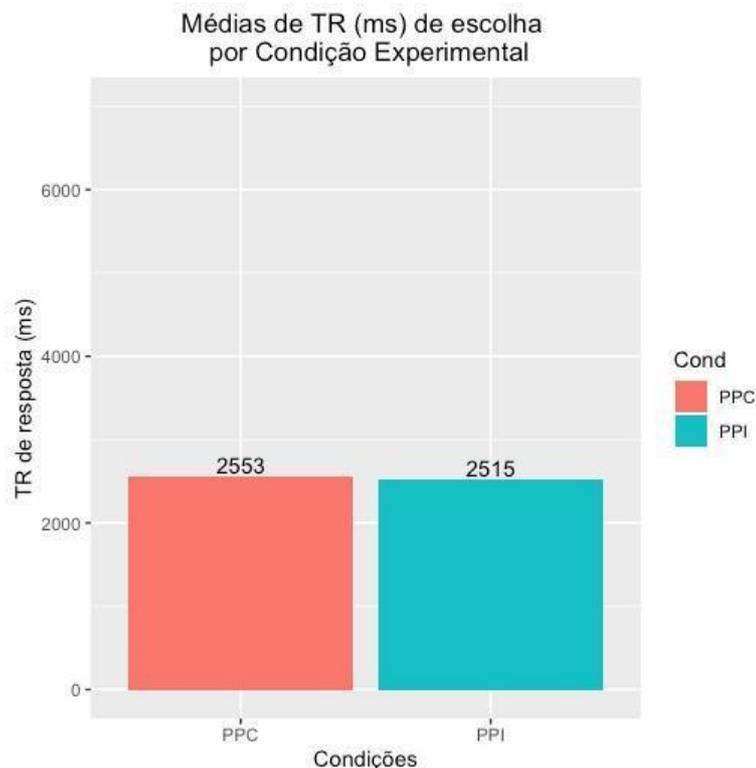
Tabela 8: Tabela de “proporção de escolhas de palavra por condição PPC e PPI em relação ao nível de inglês”.

| Tipo de sentença | Iniciante | | Experiente | |
|------------------|--------------|--------------|--------------|-------------|
| | Inglês | Português | Inglês | Português |
| PPC | 25,11% (105) | 25,11% (105) | 22,47% (49) | 27,52% (60) |
| PPI | 47,12% (197) | 2,63% (11) | 47,24% (103) | 2,75% (6) |

Fonte: Elaborada pelo autor.

Seguindo os resultados obtidos no experimento, no que se refere ao tempo de resposta (TR) para a escolha dos segmentos, foi percebido resultados muito próximos em sentenças do tipo EPC/PPC e EPC/PPI, ou seja, a média de TR para escolha dos segmentos foi praticamente igual, como observável na figura 20.

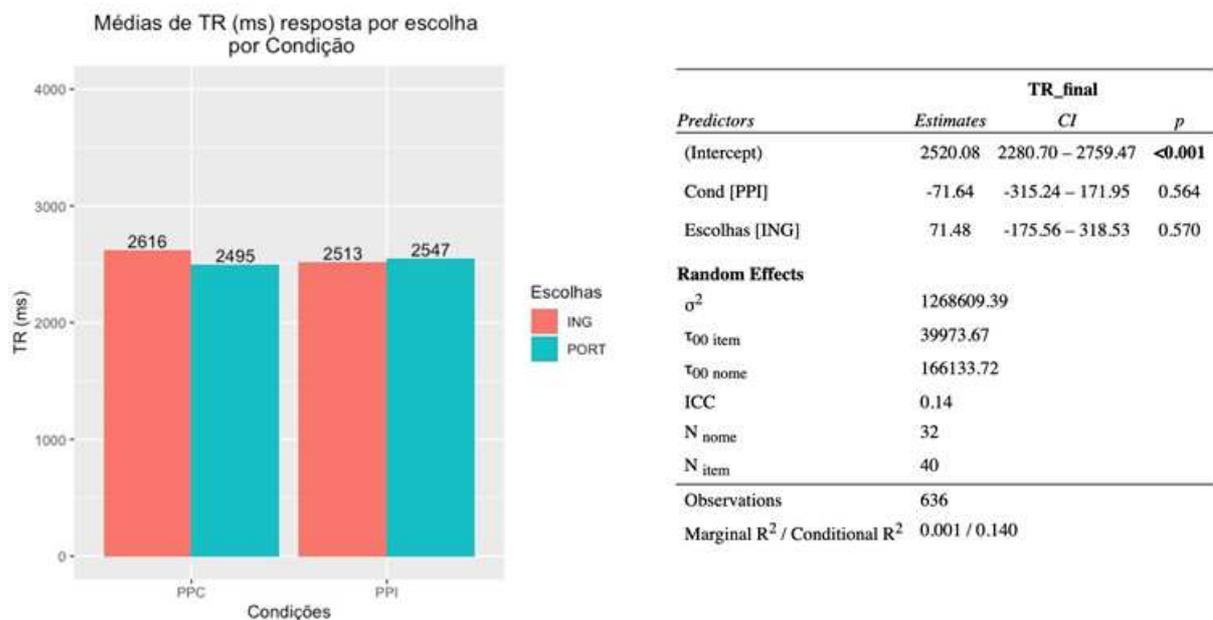
Figura 20: Gráfico de “média de TR por escolha de condição PPC e PPI”.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Ainda no que concerne ao TR entre palavras do português e estrangeirismos, quando o tipo de sentença era PPC, o TR foi ligeiramente maior na escolha final pelo estrangeirismo. Já quando o tipo de sentença era PPI, ou seja, quando a resposta possível era somente o estrangeirismo, os participantes demoravam mais tempo para escolher a palavra ou expressão em português (figura 21). No entanto, não houve diferença estatística entre as médias, isto é, a média de TR para ambas as condições foi semelhante.

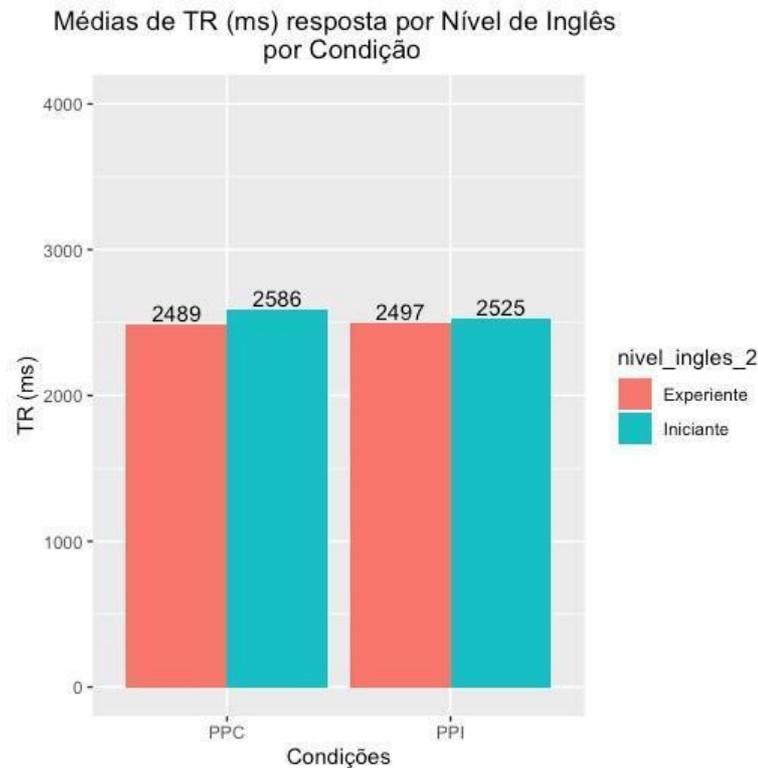
Figura 21: Gráfico de “média de TR por escolha de condição inglês/português”.



Fonte: Elaborada pelo autor.

No que diz respeito à média de TR em sentenças do tipo PPC e PPI relacionadas ao nível autodeclarado de inglês dos participantes, os participantes do grupo “experiente” e do grupo “iniciante” tiveram médias de TR semelhantes para responder quando o resultado final da escolha era um estrangeirismo.

Figura 22: Gráfico de “média de TR por condição PPC e PPI em relação ao nível de inglês”.



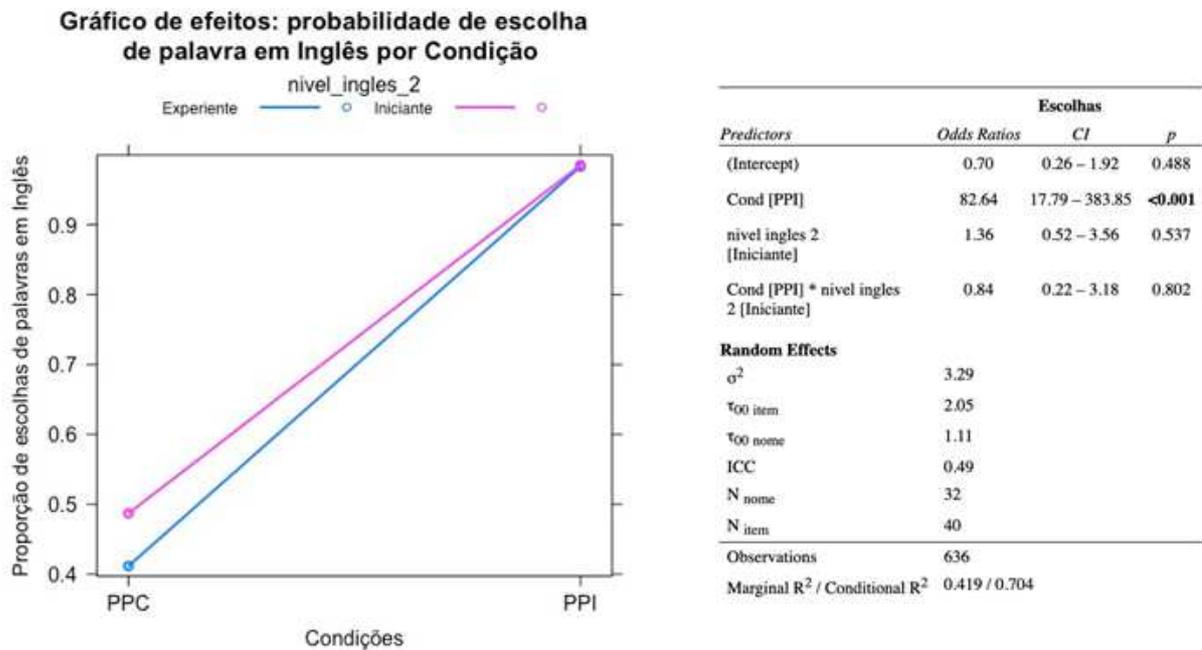
Fonte: Elaborada pelo autor.

Vale acentuar, observando a figura 22, que a diferença da média de TR é pequena entre os grupos, “iniciante” e “experiente”.

5.4 Resultados e Discussão

A partir dos dados coletados, fizemos uma regressão logística cruzando a escolha de palavras em inglês (estrangeirismos), a condição (PPC ou PPI) e o nível era “iniciante” ou “experiente”. A partir disso, foi perceptível que quando se tratava da condição PPI, tanto o nível “iniciante” quanto o nível “experiente” apresentaram comportamentos semelhantes. Por outro lado, quando se tratava da condição PPC, os participantes do nível “iniciante” tiveram uma preferência de escolha ligeiramente maior pelos estrangeirismos (figura 23). No entanto, a única diferença estatisticamente significativa é a diferença de escolha pelo estrangeirismo entre as condições PPC e PPI.

Figura 23: Gráfico de “probabilidade de escolha de palavra em inglês por condição PPC e PPI”.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Dessa maneira, observando a figura 23, podemos dizer que os estrangeirismos são reconhecidos como palavra do PB, prova disso é o fato de que na condição PPI a porcentagem de escolha foi 94,63% do inglês/estrangeirismo (tabela 4), porém, quando há uma opção em português, os falantes nativos de PB dividem suas escolhas entre a palavra do português e o estrangeirismo.

Assim sendo, a falta de diferença estatística presente no tempo de escolha (TR) entre palavra ou expressão do português e estrangeirismo (figura 21) e a proporção de escolhas em meio a meio, corrobora nossa ideia de que quando os participantes têm as duas opções (português e estrangeirismo) elas são igualmente válidas.

O intuito do experimento II foi utilizar a técnica de Maze Task para conseguir analisar como os falantes do PB formariam frases a partir de duas opções que os eram apresentadas por vez. Desse modo, o foco do experimento era que os participantes formassem frases que eles julgassem plausíveis na língua e, a partir disso, investigar o tempo dessas escolhas, uma vez que, quando nos é estranha alguma formação frasal, tendemos a demorar mais tempo para processá-la. Assim, caso os estrangeirismos gerassem algum estranhamento aos participantes, eles gastariam mais tempo para escolher uma opção.

De acordo com Ferreira & Chantavarin (2018), a predição assume que há um “mecanismo preditivo” que antecipa interações comunicativas através do contexto e conhecimento prévio. Partindo dessa ideia e sabendo que o experimento II tinha como objetivo analisar as escolhas feitas pelos participantes no terceiro par de segmentos (tela 3 presente nas tabelas 5 e 6), podemos entender como contexto introdutório de cada sentença o primeiro e segundo pares de segmentos (telas 1 e 2 presentes nas tabelas 5 e 6).

Desse modo, tendo como contexto o início de cada frase, é possível dizer que há a possibilidade de esse contexto ajudar, de forma preditiva, na escolha da completação das frases pelos participantes. Em outras palavras, quando o participante formava, de maneira forçada, o início das frases (primeiro e segundo pares de opções) e, no terceiro par de opções, ele/ela tinha que escolher entre uma palavra do português e um estrangeirismo, é possível que essa escolha tenha sido motivada, de alguma maneira, pela predição gerada no contexto formado a partir das escolhas anteriores para a formação da frase. Isso acontece, pois, quando o participante está escolhendo as opções presentes no terceiro par de segmentos, ele/ela irá escolher a palavra ou expressão que melhor combine semanticamente e sintaticamente com os elementos anteriores escolhidos para formar a frase. Assim sendo, podemos entender essa combinação semântica e sintática como fruto da predição (estrutura formada anteriormente).

Levando isso em consideração, foi possível perceber que o TR das escolhas de palavras do português e de estrangeirismos foi praticamente igual, não havendo diferença estatística entre as médias.

À vista disso, é possível depreender que, da mesma maneira que a predição ocorre em palavras e/ou expressões do português com falantes nativos de PB, os estrangeirismos, por estarem adaptados à língua, sofrem um processo preditivo bastante parecido no PB.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Experimento I teve como objetivo avaliar o conhecimento de participantes brasileiros sobre estrangeirismos do inglês usados no PB. Os estrangeirismos foram selecionados pelo pesquisador a partir de textos e redes sociais em português, e sua frequência foi verificada utilizando o filtro de pesquisa do Google para resultados em português. A hipótese era de que participantes com conhecimento de inglês como L2 teriam mais facilidade em reconhecer os estrangeirismos e poderiam atribuir mais de um significado a essas palavras.

Os resultados mostraram que os participantes marcaram como "familiar" todos os estrangeirismos listados como tal, fornecendo exemplos de uso. Somente alguns poucos estrangeirismos marcados como "não familiares" não foram reconhecidos por alguns participantes, especialmente aqueles com níveis de inglês autodeclarados como "Básico/Não possui".

Conhecer o idioma de origem dos estrangeirismos pode facilitar a compreensão dessas palavras em um segundo idioma, pois muitos estrangeirismos têm significados similares às palavras em inglês. No entanto, é importante destacar que, dos 144 itens no experimento, apenas 7 estrangeirismos não foram reconhecidos, sugerindo que os estrangeirismos selecionados têm recorrência suficiente na língua para serem compreendidos pelos falantes de níveis "Básico/Não possui".

Esses resultados reforçam a ideia de que os estrangeirismos fazem parte da língua depois de serem incorporados e sugerem que a predição de estrangeirismos pode ser semelhante à predição de palavras em português.

Já no Experimento II, foi avaliada a familiaridade e aceitabilidade dos estrangeirismos do inglês em frases do PB. Os participantes foram solicitados a criar frases em que pudessem escolher entre um estrangeirismo e uma palavra em português para completar a frase. Os resultados indicaram que o tempo de resposta para escolher entre estrangeirismos e palavras em português foi praticamente igual, sugerindo que a predição ocorre de maneira semelhante para estrangeirismos e palavras do português. Isto é, ao analisar o modo como os participantes foram solicitados a iniciar as frases de forma restrita, seguida pela escolha entre uma palavra em português e um estrangeirismo, pode-se especular sobre o papel da predição nesse processo. A predição, nesse caso, poderia ser entendida como a capacidade

do participante de antecipar quais palavras ou expressões seriam mais adequadas para completar a frase, com base no contexto estabelecido pelas escolhas anteriores.

Isto posto, a complexidade desse processo reside na necessidade de os participantes não apenas escolherem palavras que se encaixem semanticamente e sintaticamente no contexto, mas também considerarem a adaptação cultural e linguística das palavras escolhidas. Isso implica que, ao optar entre uma palavra em português e um estrangeirismo, os participantes estão avaliando não apenas a gramática e o significado das palavras, mas também sua adequação sociolinguística dentro do contexto brasileiro.

Além disso, ao observar que o TR entre a escolha de palavras em português e estrangeirismos foi semelhante, sugere-se que ambos os tipos de palavras estão sujeitos a processos preditivos similares. Isso pode indicar que, mesmo quando os participantes são expostos a estrangeirismos, sua capacidade de predição não é comprometida, o que sugere uma adaptação cognitiva flexível.

Diante do que foi exposto, conclui-se que os estrangeirismos estudados nesta pesquisa, por estarem adaptados à língua, sofrem um processo preditivo bastante semelhante ao das palavras do português, o que sugere que são integrados de forma significativa no PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEVER, T.G. *The cognitive basis for linguistic structures*. In Hayes, J. R. (ed.). *Cognition and the development of language*. NY: John Wiley and Sons, 1970. p. 279-352.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. MIT press, 1965.

CLARK, A. *Whatever next? Predictive brains, situated agents, and the future of cognitive science*. *Behavioral and Brain Sciences*. nº. 36; p. 1-3. Cambridge, 2013.

CRYSTAL, David. *English as a global language*. Cambridge University Press, 2a ed. p. 1-10, 2003.

ELMAN, J. L. (1990). *Finding structure in time*. *Cognitive Science*, ed. 14. University of California, San Diego. p. 180.

FEDERMEIER, K., MCLENNAN, D. B., & DE OCHOA, E., KUTAS, M.. *The impact of semantic memory organization and sentence context information on spoken language processing by younger and older adults: An ERP study*. *Psychophysiology*, ed. 39, p. 133–146. Cambridge, 2002.

FERREIRA, F., CHANTAVARIN, S. *Integration and Prediction in Language Processing: A Synthesis of Old and New*. In: *Current Directions in Psychological Science*, vol. 27(6), 443–448. Califórnia, 2018. Publicado online: <https://doi.org/10.1177/0963721418794491>

FERREIRA, F., CLIFTON, C. *The independence of syntactic processing*. *Journal of Memory and Language*. Vol. 25, ed. 3, p. 348-368, 1986.

FORSTER, Kenneth I.; Guerrera, Christine; Elliot, Lisa. *The maze task: Measuring forced incremental sentence processing time*. *Behavior research methods*. 41.1. 163-171. 2009.

FRAZIER, L. *On comprehending sentences: Syntactic parsing strategies*. PhD dissertation, University of Connecticut. 1979.

FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. p. 46. 3.ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda. 2000.

FRISTON, K. J.. *The free-energy principle: A unified brain theory?*. Nature Reviews Neuroscience, 11(2), p. 131-132. London, 2010.

GARCEZ, P. M. & ZILLES, A. N. S. Estrangeirismos: Desejos e ameaças. In: *Estrangeirismos: guerras em torno da língua* / organizado e apresentado por Carlos Alberto Faraco; com artigos de Pedro M. Garcez... [et al.]; p. 23-29. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

GONÇALVES et al. *O uso do estrangeirismo na língua portuguesa*. In: REVELA: Periódico de Divulgação Científica da FALS, ano V, nº x, mar/2011.

HARLEY, Trevor A. *The Psychology of Language From Data to Theory*. Psychology Press. ed. 2. Hove/UK e Nova York/USA, 2001.

HUETTIG, F., OLIVERS, C. N., & HARTSUIKER, R. J. (2011). *Looking, language, and memory: Bridging research from the visual world and visual search paradigms*. Acta Psychologica, ed. 137, p. 138-150, 2010.

KAHNEMAN, D. *Thinking, fast and slow*. Farrar Straus Giroux, s/ ed., 2013.

KIMBALL, J. *Seven principles of surface structure parsing in natural language*. Cognition 2 (1). Indiana University, [1973]. p. 15-47.

OLIVEIRA, C. *Método on-line em psicolinguística: a tarefa labirinto (maze-task)*. Cadernos de Tradução. Florianópolis, v. 40, nº esp. 2, p. 217-248, set-dez, 2020.

PICKERING, M. J., & GARROD, S.. *Toward a mechanistic psychology of dialogue*. Behavioral and Brain Sciences, ed. 27, 187-188. Cambridge, 2004.

PRINZ, W. (2006). *What re-enactment earns us*. *Cortex*, ed. 42, 515-517.

R Core Team. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>, 2023.

SAFFRAN, J. R., ASLIN, R. N., & NEWPORT, E. L. (1996). *Statistical learning by 8-month-old infants*. *Science*, 274(5294), 1926-1928.

SANTOS, Natalia. *Cor Rosa: Significado, Como Usar +83 Tons de Rosa Encantadores*. Viva Decora Blog, 2022. Disponível em: <<http://surl.li/fplnc>> . Acesso em: 19 de mar. de 2023.

SCOTT, S. K., MCGETTIGAN, C., & EISNER, F.. *A little more conversation, a little less action—candidate roles for the motor cortex in speech perception*. *Nature Reviews Neuroscience*, ed. 10, p. 299, 2009.

SILVA, Pedro Henrique Corrêa. *Facebook, uma ferramenta propícia à criação de estrangeirismos em língua portuguesa*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras Português-Espanhol), Faculdade de Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE. Pernambuco, 2018.

TESTONI, Paulo Henrique. MAIOLA, Carolina. *O uso dos estrangeirismos na rede social Twitter*. In: *Revista Maiêutica*, Indaial, v. 1, n. 01, p. 31-36, 2020.

TRAXLER, Matthew J. *Introduction to Psycholinguistics: Understanding Language Science*. Wiley-Blackwell, p. 141-171, 2012.

TRUESWELL, J.C., TANENHAUS, M.K., KELLO, C. *Verb-specific constraints in sentence processing: Separating effects of lexical preference from garden-paths*. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*. 1993.

VALADARES, Flavio Biasutti. *Estrangeirismos: uma tese para variação e mudança linguística*. In: Revista Científica Vozes dos Vales – UFVJM/MG, ano III, nº 06, out/2014.

ZEHR, Jérémy, SCHWARZ, Florian. *PennController for Internet Based Experiments (IBEX)*. OSF. doi:10.17605/OSF.IO/MD832. jan/2023.

APÊNDICE A – Itens experimentais do Experimento 1

| GRUPO A | |
|-----------------------|---|
| Estrangeirismo | Perguntas/Pedidos |
| Notebook | <ul style="list-style-type: none"> ● Você conhece a palavra “notebook”? ● Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. ● Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Link | <ul style="list-style-type: none"> ● Você conhece a palavra “link”? ● Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. ● Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Shopping | <ul style="list-style-type: none"> ● Você conhece a palavra “shopping”? ● Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. ● Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Internet | <ul style="list-style-type: none"> ● Você conhece a palavra “internet”? ● Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. ● Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Jeans | <ul style="list-style-type: none"> ● Você conhece a palavra “jeans”? ● Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. ● Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Fast food | <ul style="list-style-type: none"> ● Você conhece a palavra “fast food”? ● Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. ● Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Light | <ul style="list-style-type: none"> ● Você conhece a palavra “light”? ● Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. ● Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Milkshake | <ul style="list-style-type: none"> ● Você conhece a palavra “milkshake”? ● Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. ● Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |

| | |
|------------|--|
| Fanfic | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “fanfic”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Podcast | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “podcast”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Bug | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “bug”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Flop | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “flop”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Influencer | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “influencer”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Backup | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “backup”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Freelance | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “freelance”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Upload | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “upload”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |

| | |
|-----------------------|--------------------------|
| GRUPO B | |
| Estrangeirismo | Perguntas/Pedidos |

| | |
|------------------|--|
| Show | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “show”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Videogame | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “videogame”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Outdoor | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “outdoor”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Shampoo | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “shampoo”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Site | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “site”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Playlist | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “playlist”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Download | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “download”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Online | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “online”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Personal trainer | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “personal trailer”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Hobby | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “hobby”? |

| | |
|------------|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| gamer | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “gamer”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Feedback | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “feedback”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Plot twist | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “plot twist”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Hit | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “hit”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Spoiler | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “spoiler”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |
| Upgrade | <ul style="list-style-type: none"> • Você conhece a palavra “upgrade”? • Dê o significado ou sinônimo dessa palavra. • Dê o exemplo de uso dessa palavra em uma frase. |

APÊNDICE B – Itens experimentais do Experimento 2

Estrangeirismo: Software

Palavra do PT: Programa

01EPC - Beatriz/ melhorou/ o software/ do sistema/ da escola.

Pergunta: Beatriz trabalha em uma escola? Sim

01PPC - xxx/ gaveta/ o programa/ da sacola/ da farofa.

01PPI - xxx/ sorvete/ o furacão/ da comida/ do cabelo.

Estrangeirismo: Backup

Palavra do PT: Arquivo

02EPC - Oliver/ salvou/ o backup/ no computador/ do escritório.

Pergunta: Oliver trabalha em uma lavanderia? Não

02PPC - xxx/ carro/ o arquivo/ no armário/ do aniversário.

02PPI - xxx/ salvou/ a neblina/ na parapeito/ do telescópio.

Estrangeirismo: Marketing

Palavra do PT: Campanha

03EPC - Gabriel/ discutiu/ o marketing/ de algumas melhorias/ para a empresa.

Pergunta: Gabriel trabalha em um bar? Não

03PPC - xxx/ boneca/ a campanha/ de algum relâmpago/ para o xerife.

03PPI - xxx/ discutiu/ a cadeira/ de alguma galáxia/ para o sapato.

Estrangeirismo: Ranking

Palavra do PT: Nível

04EPC - Eduardo/ entrou/ no ranking/ de empregado/ do mês.

Pergunta: Eduardo se destacou onde ele trabalha? Sim

04PPC - xxx/ balde/ no nível/ do atendente/ do véu.

04PPI - xxx/ osso/ no copo/ do chuveiro/ da vez.

Estrangeirismo: Workshop

Palavra do PT: Propaganda

05EPC - Felipe/ participou/ do workshop/ sobre saúde/ na faculdade.

Pergunta: Felipe faz faculdade? Sim

05PPC - xxx/ espetáculo/ da propaganda/ para louça/ no consultório.

05PPI - xxx/ ventilador/ na saracura/ para bermuda/ no sabonete.

Estrangeirismo: Exposed

Palavra do PT: Boato

06EPC - Arthur/ fez/ um exposed/ da Luísa/ na igreja.

Arthur costuma ir à França? Não

06PPC - xxx/ gol/ um boato/ do vento/ no cabide.

06PPI - xxx/ pau/ um barranco/ da pedra/ na alegria.

estrangeirismo: Layout

Palavra do PT: Visual

07EPC - João/ gostou/ do layout/ da loja/ de sapato.

Pergunta: João visitou uma quitanda? Não

07PPC - xxx/ porta/ do visual/ do lixo/ da vizinha.

07PPI - xxx/ pote/ do chuveiro/ da vida/ do sorvete

Estrangeirismo: Delivery

Palavra do PT: Encomenda

08EPC - Pietra/ pediu/ um delivery/ no bar/ ontem.

Pergunta: Pietra odeia de comida de bar? Não

08PPC - xxx/ gato/ uma encomenda/ do pé/ bota.

08PPI - xxx/ bolde/ uma felicidade/ da mão/ tatu.

Estrangeirismo: Slogan

Palavra do PT: Imagem

09EPC - Klaus/ divulgou/ o slogan/ da empresa/ do amigo.

Palavras: Klaus tem um amigo? Sim

09PPC - xxx/ prato/ a imagem/ no salpicão/ da névoa.

09PPI - xxx/ barulho/ o silêncio/ na cratera/ do chicote.

Estrangeirismo: Hype

Palavra do PT: Luxo

10EPC) - Lara/ invejou/ o hype/ da festa/ da Kelly.

Lara foi na festa da Kelly? Sim

10PPC - xxx/ sapato/ o luxo / da água/ na veia.

10PPI - xxx/ paladar/ o choro/ da crista/ da lista

Estrangeirismo: Grill

Palavra do PT: Sal

11EPC - Henrique/ pegou/ o grill/ da casa/ da Tereza.

Pergunta: Henrique conhece a Tereza? Sim

11PPC - xxx/ colher/ o sal/ do quarto/ da sanfona.

11PPI - xxx/ prego/ o céu/ da planta/ do cachorro.

Estrangeirismo: Smoking

Palavra do PT: Tecido

12EPC - Marcelo/ comprou/ um smoking/ para a festa/ de gala.

Pergunta: Marcelo vai à uma missa? Não

12PPC - xxx/ toalha/ um tecido/ para o trovão/ do prato.

12PPI - xxx/ telha/ uma natureza/ para a tripa/ da sombra

Estrangeirismo: Spoiler

Palavra do PT: Fofoca

13EPC - Mateus/ contou/ um spoiler/ do filme/ para ela.

Pergunta: Mateus viu o filme? Sim

13PPC - xxx/ véu/ uma fofoca/ da taça/ para pasta

13PPI - xxx/ maré/ um carpete/ da luva/ para vela.

Estrangeirismo: Jogging

Palavra do PT: Trilha

14EPC - Kaio/ costuma/ fazer jogging/ na praia/ à noite.

Pergunta: Kaio vai à praia? Sim

14PPC - xxx/ vassoura/ fazer trilha/ na lua/ a tromba.

14PPI - xxx/ astuta/ brilhar mala/ no véu/ o vinho.

Estrangeirismo: Cupcake

Palavra do PT: Bombom

15EPC - Eloá/ comeu/ um cupcake/ no café/ da esquina.

Pergunta: Eloá gosta de doce? Sim

15PPC - xxx/ rua/ um docinho / às vezes/ do lanche.

15PPI - xxx/ vespa/ um cimento/ da laje/ no limbo.

Estrangeirismo; Scanner

Palavra do PT: Panfleto

16EPC - Matteo/ quebrou/ o scanner/ da loja/ ontem.

Pergunta: Matteo foi na cabana? Não

16PPC - xxx/ vidro/ o panfleto/ da ficha/ livre.

16PPI - xxx/ teto/ o suco/ da tela/ chuva.

Estrangeirismo: Insight

Palavra do PT: Ideia

17EPC - Minha vó/ teve/ um insight/ para o evento/ no sábado.

Pergunta: Minha vó sabe sobre o evento? Sim

17PPC - xxx/ choque/ uma ideia/ para o coração/ no planeta.

17PPI - xxx/ servo/ um Saturno/ para a montanha/ na catraca.

Estrangeirismo; Meeting

Palavra do PT: Reunião

18EPC - Giovana/ participou/ do meeting/ no escritório/ ontem.

Pergunta: Giovana trabalha em um açougue? Não

18PPC - xxx/ caixa/ da reunião/ no telescópio/ vaca.

18PPI - xxx/ baralho/ da louça/ na frigideira/ roupa.

Estrangeirismo: Feedback

Palavra do PT: Retorno

19EPC - A professora/ deu/ um feedback/ sobre o trabalho/ de Alice.

Pergunta: Alice fez uma comida saborosa? Não

19PPC - xxx/ pneu/ um retorno/ para a garrafa/ na panela.

19PPI - xxx/ fio/ uma lanternagem/ para o trompete/ da conquista.

Estrangeirismo: Upload

Palavra do PT: Carregamento

20EPC - Theo/ fez/ o upload/ dos documentos/ para o concurso.

Pergunta: Theo está participando de um concurso? Sim

20PPC - xxx/ pão/ o carregamento/ das goiabeiras/ para a bússola.

20PPI - xxx/ fez/ a cabana/ da tempestade/ sobre o chinelo.